

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE
DO SUL - CAMPUS OSÓRIO
LICENCIATURA EM LETRAS - HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS

Milena Rolim Seibel

**OS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO
LITERÁRIO ATRAVÉS DA ANÁLISE COMPARATIVA DE “O CONTO DOS TRÊS
IRMÃOS”, DE J.K. ROWLING, E “A MESA, O BURRO E O PORRETE”, DOS
IRMÃOS GRIMM**

Osório
2023

MILENA ROLIM SEIBEL

**OS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO
LITERÁRIO ATRAVÉS DA ANÁLISE COMPARATIVA DE “O CONTO DOS TRÊS
IRMÃOS”, DE J.K. ROWLING, E “A MESA, O BURRO E O PORRETE”, DOS
IRMÃOS GRIMM**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia - Campus Osório como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Letras Português/Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dra. Débora Almeida de
Oliveira

Coorientador: Prof. Dr. Mateus da Rosa Pereira

Osório

2023

Milena Rolim Seibel

O CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO ATRAVÉS DA ANÁLISE COMPARATIVA DE “O CONTO DOS TRÊS IRMÃOS”, DE J.K. ROWLING, E “A MESA, O BURRO E O PORRETE”, DOS IRMÃOS GRIMM

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Campus Osório como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português/Inglês

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valter Henrique Fritsch (FURG – campus Rio Grande)

Prof^a Dra. Eni Paiva Celidonio (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM)

Prof.^a Dra. Débora Almeida de Oliveira (IFRS – campus Osório)
Orientadora

Prof. Dr. Mateus da Rosa Pereira (IFRS - Campus Osório)
Coorientador

Eu não acredito no tipo de magia que está nos meus livros. Mas eu acredito que algo muito mágico acontece quando você lê um livro muito bom.

- J.K. Rowling.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me acompanharam durante toda a minha jornada de graduação, e que de certa forma, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, com um agradecimento especial:

A minha orientadora, Débora Almeida de Oliveira, por ter oferecido todo o suporte que eu precisava durante as nossas reuniões e também em outros horários; pelos inúmeros materiais teóricos que me ajudaram ao longo da escrita do meu trabalho; e pela terapia que fazíamos a cada conversa.

Ao meu coorientador, Mateus da Rosa Pereira, pelas sugestões e dicas que me auxiliaram, principalmente na parte do planejamento das minhas aulas.

Aos demais professores do IFRS- Campus Osório que me incentivaram desde o começo do curso de Letras e fizeram parte da minha jornada acadêmica, mudando a minha vida pessoal e profissional da melhor forma possível.

A minha família, principalmente ao meu pai, Heleno, que me incentivou e me passou confiança desde o começo dos meus estudos; A minha mãe, Cristiane, que acreditou em mim e sempre soube que eu era capaz de conquistar o mundo e a minha avó, Elenita, que sempre ficou feliz a cada conquista minha e diz que sou o orgulho dela, assim como ela é o meu.

E, por último, mas não menos importante, a mim, por todo meu esforço e dedicação durante todos esses anos de curso de licenciatura, que mesmo em meio a muitas dificuldades pessoais e profissionais, não desisti e sigo firme no objetivo de contribuir, através do meu papel de professora, para a formação e transformação da vida de muitos jovens.

RESUMO

O presente trabalho visa analisar como o gênero dos contos de fadas pode contribuir para o letramento literário e como pode ser usado nas aulas da disciplina de Língua Portuguesa do nono ano do Ensino Fundamental. Levando-se em consideração que os contos de fadas são significativos e atemporais, este trabalho tem como base as obras *A Mesa, o Burro e o Porrete* (2005), dos Irmãos Grimm, e *O Conto dos Três Irmãos* (2021), de J.K Rowling. A análise comparativa entre essas duas obras oferece uma perspectiva sobre a relevância contínua dos contos de fadas na literatura e como seus elementos se repetem na contemporaneidade. As discussões sobre os contos de fadas são embasadas em Coelho (1998), Corso e Corso (2006), Bettelheim (2002), Propp (2001) e Cosson (2011). Já as discussões pedagógicas têm como fundamento a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018. Quanto à abordagem metodológica, foi escolhida uma pesquisa qualitativa baseada na revisão bibliográfica, que servirá como base para o desenvolvimento de um projeto pedagógico destinado a uma turma do nono ano do Ensino Fundamental. Os resultados esperados incluem o aprimoramento da compreensão literária dos alunos e o estímulo à reflexão sobre a relevância atemporal dos contos de fadas. Com isso, a integração desses recursos na educação promove o estudo da literatura e conecta os alunos a um vasto universo cultural presente em nossa sociedade por gerações.

Palavras-chave: Contos de Fadas; Literatura; Letramento Literário; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The present work proposes to analyze how the genre of fairy tales may contribute to literary literacy and may be used in Portuguese Language classes for ninth-grade students in the Elementary School. Considering that fairy tales are meaningful and timeless, this study is based on the works "The Table, the Ass, and the Stick" (2005), by the Brothers Grimm, and "The Tale of the Three Brothers" (2021), by J.K. Rowling. The comparative analysis of these two works provides insights into the ongoing relevance of fairy tales in literature and their recurring elements in contemporary times. Discussions about fairy tales are grounded in the works of Coelho (1998), Corso and Corso (2006), Bettelheim (2002), Propp (2001) and Cosson (2011). Pedagogical discussions are based on the 2018 National Common Core Curriculum (BNCC). As for the methodological approach, a qualitative research based on a literature review was chosen as the foundation for the development of an educational project tailored to ninth-grade students in Elementary School. The anticipated outcomes encompass the enhancement of students' literary comprehension and the encouragement of reflection on the timeless significance of fairy tales. Consequently, the incorporation of these resources in education not only fosters literary studies but also connects students to a vast cultural universe that has endured in our society for generations.

Keywords: Fairy Tales; Literature; Literary Literacy; Portuguese Language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	Xilogravura de Beedle, o Bardo	20
Imagem 2	O armário sob a escada	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O MUNDO LITERÁRIO DE J. K. ROWLING	11
2.1 A autora J.K. Rowling e o universo Harry Potter	11
2.2 Harry Potter: metaficção e <i>spin-offs</i>	16
2.3 A Biblioteca Hogwarts: <i>Os Contos de Beedle, o Bardo</i> e "O Conto dos Três Irmãos"	19
3 OS CONTOS DE FADAS E A LEITURA DE NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS	23
3.1 Os Irmãos Grimm e "A Mesa, o Burro e o Porrete"	23
3.2 Os contos de fadas: inspiração para J.K. Rowling?	25
3.3 "A Mesa, o Burro e o Porrete, dos Irmãos Grimm" e "O Conto dos Três Irmãos", de J.K. Rowling: uma análise comparativa	28
4 LETRAMENTO LITERÁRIO EM AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	38
4.1 Os contos de fadas em sala de aula	38
4.2 Proposta didática	40
4.2.1 Aula 1	40
4.2.2 Aula 2	42
4.2.3 Aula 3	44
4.2.4 Aula 4	48
4.2.5 Aula 5	50
4.3 Resultados esperados	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	55
ANEXOS	
Anexo A - "A Mesa, o Burro e o Porrete, dos Irmãos Grimm"	58
Anexo B - "O Conto dos Três Irmãos", de J.K. Rowling	68

1 INTRODUÇÃO

O direito à arte e à literatura está previsto na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018, p. 84). De acordo com o documento, o aluno deve ser exposto a diferentes práticas de leitura literária que possibilitem o acréscimo ao seu repertório cultural, de modo a contribuir para o desenvolvimento de seu senso estético e crítico perante a sociedade. A partir de tal diretriz legal, parte-se do princípio de que Literatura, como palco de discussões amplas, é uma das ferramentas que garante ao aluno seu direito à humanização enquanto leitor.

Com base nisso, durante o Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa no ensino fundamental, procurei perceber se havia momentos em que a disciplina garantia a leitura das obras literárias e se, a partir delas, os alunos se viam envolvidos em debates ou questionamentos que pudessem desenvolver as premissas previstas na BNCC. Além disso, me ocupei de prestar atenção aos gêneros literários mais recorrentes trabalhados em sala de aula ou que, porventura, fossem mencionados pelos alunos. Notei, assim, que muitos alunos se interessavam pelos livros propostos pelo professor, que, em sua maioria, lidavam com contos de fadas, contos maravilhosos, lendas ou obras que pertenciam ao gênero de fantasia. Pensando na forma como os alunos se envolviam em conversas sobre os livros de fantasia que liam, tomei a decisão de escolher, como um dos objetos de análise deste trabalho, a narrativa “O Conto dos Três Irmãos”, presente na coletânea *Os contos de Beedle, o Bardo* (2021), de J.K Rowling. Interessou-me, além disso, o modo como a autora parece se apropriar de elementos que pertencem ao universo dos contos maravilhosos, em especial a um conto escrito pelos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, “A Mesa, o Burro e o Porrete, dos Grimm”.

Sendo assim, procuro, neste trabalho, levantar os elementos que podemos encontrar em “O Conto dos Três Irmãos” que dialogam com os contos de fadas. Para tanto, utilizo a narrativa “A Mesa, o Burro e o Porrete”, dos irmãos Grimm, a fim de realizar uma análise comparativa que possa exemplificar tais elementos. A partir de

então, elaboro uma proposta de letramento literário em que o gênero conto de fadas é trabalhado em sala de aula com alunos do nono ano do ensino fundamental.

Os Grimm, renomados por suas coletâneas de contos de fadas, inspiraram gerações de escritores. A presença de elementos como magia, moralidade e temas universais nos contos tradicionais dos Irmãos Grimm pode ter servido como fonte de inspiração para a autora ao criar a narrativa “O Conto dos Três Irmãos”.

No primeiro capítulo, trato de mostrar o modo como J.K Rowling desenvolveu seu universo de fantasia através da saga Harry Potter e, conseqüentemente, local da obra *Os contos de Beedle, o Bardo* em sua bibliografia. No segundo capítulo apresento o conto “A Mesa, o Burro e o Porrete”, dos irmãos Grimm, e traço um paralelo entre J.K. Rowling e os contos de fadas, partindo para uma análise comparativa entre o “Conto dos Três Irmãos” e o conto dos Grimm. Já no terceiro e último capítulo, proponho uma atividade que possa ser desenvolvida em sala de aula a partir do gênero conto de fadas.

Metodologicamente, optei por uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, que oferece o suporte necessário para trabalhar o gênero conto, através da fantasia literária em sala de aula. O caráter intertextual que procuro demonstrar entre o conto de Rowling e o conto dos irmãos Grimm justifica-se de acordo com as palavras de Koch e Travaglia:

Todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos, que lhe dão origem, que o pré determinam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe. (KOCH; TRAVAGLIA, 2000, pg.46).

A intertextualidade é um importante aspecto a ser considerado nos estudos literários. Ela permite o diálogo entre as obras e uma reflexão crítica sobre a sociedade, a história e a cultura, assim como contribui para a coesão literária, pois as obras são entrelaçadas por temas e elementos compartilhados. Isso ajuda a formar um *corpus* literário contínuo que se baseia em tradições e influências anteriores. À medida que consideramos a influência potencial dos Grimm na escrita de J.K. Rowling, utilizo, entre outros autores, Propp (2001), Coelho (1998), Corso e Corso (2006), Bettelheim (2002) e Cosson (2011) como referencial teórico que ajudará na análise estrutural e temática dos contos aqui trabalhados.

2 O MUNDO LITERÁRIO DE J. K. ROWLING

A história que amamos nunca termina. Se você voltar às páginas ou olhar para a tela novamente, Hogwarts estará lá para te receber de braços abertos.

J.K Rowling

2.1 A autora J.K. Rowling e o universo Harry Potter

Joanne Kathleen Rowling é escritora, roteirista e produtora cinematográfica britânica, famosa por ter escrito a saga Harry Potter. Após o nascimento da filha, enfrentando um divórcio conturbado e uma crise financeira, o começo da carreira de Rowling não foi nada fácil. Mãe solteira, desempregada e precisando de dinheiro, a jovem autora passou seis longos anos escrevendo seu primeiro livro, chamado *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, sendo que a publicação da obra foi recusada por doze vezes. Quando sua história finalmente foi publicada, em 1997, ela passou a ser, em pouco tempo, uma mulher multimilionária, tamanho o sucesso que o livro fez.

Eu encontrei outro dia o meu contador e disse: 'Estão dizendo que sou mais rica que a rainha (da Grã-Bretanha), então isso significa que você desviou um monte de dinheiro'. Eu quis dizer que não estou totalmente alheia a quanto eu tenho. E certamente não ganhei 280 milhões de libras (cerca de \$1,4 bilhão) (ROWLING JK, s.d).

Ainda na infância, Rowling começou a se interessar pela leitura, dizendo que queria ser escritora. Percebendo o interesse da filha pela escrita, seus pais, Anne e Peter, insistem que ela faça o curso de Língua e Literatura Francesa. Levando em conta o apelo de seus genitores, ela decide fazer o curso desejado por eles, deixando de lado o que realmente a interessava: o curso de Língua Inglesa. Após o final da graduação, ela continuou por mais um ano na Universidade de Exeter, dando continuidade a sua formação. Após voltar para a Inglaterra, seu sonho de ser escritora ainda permeava seus pensamentos, mas quando ela chegou em Londres, acabou por aceitar um emprego como secretária bilíngue e investigadora, na Anistia Internacional. Decidindo dedicar-se a sua escrita, ela deixa o cargo e se muda para Portugal, onde começaria a escrever um dos maiores sucessos da literatura: a saga Harry Potter.

No início de sua estada no país, Rowling ocupava suas manhãs escrevendo pequenos trechos de suas primeiras obras nas mesas dos cafés de Porto, enquanto nos turnos da tarde e noite, ela dava aulas de inglês para se sustentar. Em Portugal, a escritora permaneceu por cinco longos anos, onde fez seus primeiros rascunhos da saga. Em meio a esse processo, ela se casou com um homem português, chamado Jorge Arantes e teve sua primeira filha, Mackenzie.

Percebendo que seu casamento não ia bem e que, de certa forma, estava atrapalhando seu desenvolvimento enquanto escritora, ela se divorcia e se muda com sua filha para Edimburgo, na Escócia. Sem ter como se sustentar, ela recorreu a ajudas sociais oferecidas pelo governo, deixando profundas marcas em sua saúde emocional que acarretou uma depressão profunda. O primeiro livro da saga, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, foi escrito durante uma viagem de trem entre Manchester e King's Cross. A obra foi oficialmente publicada em 1997 pela Bloomsbury, após ser recusada por diversas outras editoras que não acreditaram no trabalho da escritora. Butler (2012) destaca o sucesso da autora, apesar de todas as recusas das editoras, e fala como sua habilidade de escrita ajudou-a a alcançar números extraordinários de vendas:

Rowling tem sido, de longe, a autora mais lida na área. Seu estilo acessível, tom humorístico, enredos complexos, porém, compreensíveis, e sua habilidade de deixar seu mundo repleto de personagens claramente delineados foram responsáveis por dar a sua obra uma popularidade sem precedentes (BUTLER, 2012, p. 232, tradução nossa).¹

Após a publicação do primeiro livro, Harry Potter alcançou grande popularidade e aclamação da crítica, tornando-se um grande sucesso comercial em todo o mundo. Em 2015, vendeu mais de 50 milhões de cópias, tornando-se um dos livros mais vendidos de todos os tempos e sendo traduzido para 73 idiomas. Essa extensa tradução multilíngue sublinha não apenas a amplitude geográfica de sua recepção, mas também a capacidade da série de transcender barreiras linguísticas e culturais.

A saga engloba um conjunto de sete volumes, intitulados em sequência: *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997), *Harry Potter e a Câmara Secreta* (1998), *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (1999), *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2000), *Harry Potter*

¹ Do original: "Rowling has been by far the most widely read writer in the field. Her accessible style, humour, twisty but comprehensible plots and ability to people her world with vividly sketched characters have given her book unprecedented popularity."

e a *Ordem da Fênix* (2005), *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* e *Harry Potter* (2005) e as *Relíquias da Morte* (2007). Nessas obras, há uma ampla variedade de temas que podem ser encontrados nos contos de fadas tradicionais, como preconceito, morte, corrupção, traição e a complexa transição da infância para a adolescência. Para Bettelheim (2002) é muito importante que as narrativas com elementos dos contos de fadas toquem nos pontos cruciais da existência humana e uma delas é entender a morte. As crianças, por exemplo, necessitam de estímulos sutis para entender essas questões e crescer “a salvo” rumo à vida adulta. J.K Rowling, entendendo isso, escreveu a saga e fugiu das estórias “sem perigo” e se apropriou dos elementos dos contos de fadas para falar, honestamente, das fases e desafios da vida humana.

Após o fim da saga, houve o lançamento da peça de teatro *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada* (2016). Baseada no roteiro original de Jack Thorne, John Tiffany e J.K. Rowling, a peça emergiu como uma continuação da icônica saga de Harry Potter, expandindo o universo mágico criado pela autora britânica. Estreada em 2016, a peça segue a jornada de Alvo Severo Potter e Escórpio Malfoy, filhos de Harry Potter e Draco Malfoy, respectivamente, enquanto lidam com o legado de seus pais e enfrentam novos desafios. A produção deu continuidade para o legado da saga, proporcionando aos fãs, mais uma vez, a oportunidade de reviver o mundo mágico, reforçando que o teatro é uma forma dinâmica de se fazer literatura.

Apesar da empolgação dos fãs pela oportunidade de reviver o mundo mágico nos palcos, a produção foi objeto de análises críticas, considerando-se a complexidade de adaptar uma história originalmente concebida para o formato literário ao cenário teatral e suas implicações na narrativa e caracterização dos personagens.

O primeiro livro da saga foi lançado no Reino Unido em 1997 e no Brasil em 1999, o qual se converteu em um fenômeno cultural mundial, cativando crianças e adolescentes em todo o mundo. Seu sucesso foi tão grande que a saga foi transformada em filme, chegando às telas do cinema no ano de 2001. *Harry Potter e a Pedra Filosofal* apresentou os atores Daniel Radcliffe, Rupert Grint e Emma Watson como os personagens Harry, Rony e Hermione a toda uma geração que os viu crescer nas telas e ao mesmo tempo envelheceu com eles.

A estreia no cinema arrecadou 974 milhões de dólares, e o primeiro filme da saga tornou-se a maior bilheteria de 2001 e o segundo filme de maior bilheteria de todos os tempos depois de Titanic. Com o sucesso da história do menino órfão que descobriu ser bruxo, as crianças do mundo todo se aventuraram junto com os personagens através dos oito filmes e sete livros que compõem a saga. Surgiu então o fenômeno "pottermania" liderado pelos "potterheads", como são chamados os fãs mais assíduos e fiéis de Harry Potter.

Além do cinema, do teatro e dos livros, Harry Potter também conquistou outros campos do entretenimento, como os jogos de *videogame*, computadores e *smartphones*, proporcionando aos fãs uma experiência imersiva no mundo mágico de J.K. Rowling. Desde a estreia do primeiro título em 2001 até os lançamentos mais recentes, esses jogos têm atraído uma ampla audiência, principalmente entre os jovens. Com a evolução tecnológica e a crescente popularidade da franquia literária e cinematográfica, os jogos de Harry Potter têm conquistado tanto os fãs devotados da saga quanto novos adeptos, impactando profundamente a forma como os jovens se envolvem com a narrativa e os personagens desse universo fantástico.

Ao proporcionar a oportunidade de vivenciar aventuras como estudantes em Hogwarts, duelar com bruxos e bruxas renomados, e explorar os icônicos cenários mágicos, esses jogos promovem a imersão em um universo fantasioso que cativa a imaginação dos fãs. Além disso, o conteúdo das narrativas apresenta lições sobre amizade, coragem e resiliência, promovendo reflexões sobre valores éticos e morais. Do ponto de vista acadêmico, o fenômeno dos games de Harry Potter é relevante para pesquisas sobre a interseção entre cultura pop e educação, analisando como tais materiais interativos podem ser utilizados como ferramentas pedagógicas para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos jovens. A popularidade dessa forma de entretenimento também destaca a importância de se compreender a relação entre o meio digital e a formação da identidade cultural das novas gerações.

Desde os primeiros títulos lançados para consoles de *videogame* como PlayStation e Xbox, até os jogos disponíveis para computadores e smartphones, os fãs da franquia foram agraciados com uma ampla gama de experiências interativas. Alguns das produções mais notáveis incluem "Harry Potter e a Pedra Filosofal", que permitiu

aos usuários explorarem os corredores de Hogwarts e enfrentarem desafios mágicos ao longo do enredo do primeiro livro; "Harry Potter e o Cálice de Fogo", que possibilitou competições emocionantes no famoso Torneio Tribruxo; e "Harry Potter: Hogwarts Mystery", um jogo para smartphones que permitiu aos jogadores criarem seus próprios estudantes e viverem suas próprias aventuras no mundo de magia e bruxaria.

As crianças adoram novidades. Não é muito difícil de chegar a essa conclusão, basta conviver com elas. Tão logo um brinquedo surja no mercado, vão querer conhecê-lo, o mesmo vale para personagens, um novo filme, um novo game. É certo que correr atrás das novidades é uma característica do nosso tempo e não se restringe à infância, mas as crianças são ainda mais suscetíveis à essa demanda. Se crescerem num ambiente estimulante, serão curiosas, pois sua vida tem necessidade de fantasia para apoiar suas brincadeiras e seu pensamento mutante. Se possível, buscarão a fantasia em todas as suas formas, brinquedos, filmes, games, livros, teatro, brincadeiras com os amigos, programas de televisão, narração de histórias, etc. Não há um meio privilegiado de consumo de ficção, e hoje existe uma multiplicidade de modalidades pelas quais elas podem acessar as histórias que lhes interessam (CORSO, Diana L; CORSO, Mário, 2006, p. 162).

Ainda no mundo dos videogames, outros títulos como "LEGO Harry Potter", "Harry Potter e as Relíquias da Morte - Parte 2", "Harry Potter: Wizards Unite" e "Harry Potter: Hogwarts Legacy" ampliaram ainda mais a oferta de experiências únicas de divertimento para os fãs. Cada uma dessas produções trouxe diferentes estilos, desde aventura e exploração até puzzles e batalhas de magia, a fim de atender a diferentes preferências e plataformas. Essa diversidade de entretenimento envolvendo a história de Harry Potter tem desempenhado um papel fundamental no impacto positivo que a saga tem tido sobre os jovens e para as crianças, ao proporcionar-lhes a oportunidade de se conectarem com um mundo mágico literário, através da tecnologia, influenciando sua forma de ver e interagir com a obra e com sua adaptação cinematográfica.

Não somente os jogos, como também produtos relacionados à franquia também desempenharam um papel fundamental no sucesso contínuo da saga, mesmo após anos de seu fim. Os produtos como roupas, brinquedos e objetos de colecionador permitem que os fãs expressem seus sentimentos em relação ao universo Harry Potter de maneira tangível. Além disso, os produtos autorizados pela autora contribuem para a receita geral da franquia e mantêm a marca relevante no mercado. Nesse contexto de sucesso, outro segmento, embora não oficial, é o mundo das *fanfics* ou *fanfictions*,

como são chamadas as histórias criadas por fãs. Esse universo multifacetado permite que os leitores explorem livremente os personagens e cenários do mundo mágico, criando suas próprias histórias e interpretações. Isso não apenas demonstra a devoção dos fãs à série, mas também mantém a comunidade ativa e envolvida e contribuem para a formação de comunidades *online*, onde os autores e leitores podem interagir, compartilhar ideias, fornecer *feedback* e, assim, construir um espaço colaborativo de trocas de impressões. Essas comunidades ajudam a manter o interesse nas obras originais e a ampliar o alcance da franquia, criando um ciclo de envolvimento e entusiasmo contínuo.

2.2 Harry Potter: metaficção e *spin-offs*

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997), o protagonista Harry recebe uma lista de livros a serem adquiridos para seu primeiro dia de aula. Um desses livros chama-se *Animais Fantásticos e Onde Habitam*, do autor Newt Scamander e se apresenta como um guia sobre criaturas mágicas, com detalhes sobre suas características e habitat. Ainda em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, a personagem Hermione Granger retira um livro da biblioteca chamado *Quadribol através dos Séculos*, obra escrita por Kennilworthy Whisp. Resumindo-se em uma enciclopédia fictícia sobre o esporte de quadribol, praticado no mundo bruxo, o livro emprestado por Hermione apresenta detalhes sobre a história do jogo, suas regras e a descrição de equipes famosas. Por fim, na obra *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (2007), o pequeno livro *Os Contos de Beedle, o Bardo* foi deixado como herança de Alvo Dumbledore para a personagem Hermione Granger, com a esperança de que ela encontrasse as respostas para os questionamentos do grupo acerca dos mistérios das relíquias da morte.

É possível perceber, portanto, o uso que J.K. Rowling faz da metaficção em sua saga, o que dará origem ao conto escolhido como objeto de análise do presente trabalho. Entende-se, aqui, metaficção, ou, mais propriamente, metaliteratura, o processo em que a ficção/literatura faz referência a si, reafirmando-se ou questionando-se, em um estado em que o livro toma consciência do próprio livro. Na visão de Culler (1999. p. 41): “A literatura é uma prática na qual os autores tentam fazer

avançar ou renovar a literatura e, desse modo, é sempre implicitamente uma reflexão sobre a própria literatura.” Quando J.K. Rowling decide publicar *Animais Fantásticos e Onde Habitam* (2001), *Quadribol através dos Séculos* (2001) e *Os Contos de Beedle, o Bardo* (2008), a autora transforma sua estratégia narrativa metaliterária em *spin-offs* que, em 2012, seriam lançados juntos em um box intitulado Biblioteca Hogwarts.

O *spin-off*, termo em inglês que significa “derivado de”, é um conceito que descreve obras que se baseiam em um universo estabelecido por um trabalho original, mas que, muitas vezes, se concentram em personagens secundários, eventos paralelos ou aspectos específicos desse mundo fictício. Assim, o estudo da Biblioteca Hogwarts como um *spin-off* literário é particularmente relevante, pois a biblioteca em si é um elemento central no mundo de Harry Potter, desempenhando um papel crucial na vida dos estudantes de Hogwarts. Além disso, a biblioteca abriga diversos livros mágicos e criaturas literárias que têm sido objeto de exploração em *spin-offs* literários separados. *Animais Fantásticos e Onde Habitam*, *Quadribol Através dos Séculos* e *Os Contos de Beedle, o Bardo* expandem o universo de Harry Potter, oferecendo aos fãs mais informações sobre o mundo bruxo e enriquecendo a experiência dos leitores. Ao publicar esses três livros como *spin-offs* da saga, J.K. Rowling proporcionou aos fãs uma visão mais ampla e detalhada do mundo mágico. Cada obra aborda um aspecto específico da cultura bruxa, que foram conhecidos através da saga, seja com o esporte mágico, das criaturas ou dos contos de fadas.

Além das conhecidas obras da coletânea presente na história, ainda há muitas outras que se encaixam como *spin-offs* da série, como a coleção *O Mundo Mágico de J.K. Rowling – A Magia do Cinema*, escrita pela mesma autora da série Harry Potter. Essas obras mergulham profundamente nos bastidores dos filmes. Cada volume se concentra em aspectos específicos da produção cinematográfica, revelando os segredos e esforços criativos que deram vida ao mundo mágico de Harry Potter nas telas de cinema. No volume 1, *Pessoas Extraordinárias e Lugares Fascinantes*, publicado em 2015, os leitores são apresentados aos personagens e aos locais que deram vida ao mundo de Harry Potter. Esse volume mergulha nas etapas da produção, desde a seleção de elenco até a criação de figurinos e maquiagem. Já no volume 2, *Criaturas Mágicas e Artefatos*, que foi lançado no ano seguinte, 2016, a atenção se

volta para as criaturas mágicas e os artefatos que desempenharam papéis cruciais nos filmes. Os leitores têm a oportunidade de se aprofundar nas características de criaturas como o Hipogrifo Bicuço e o Testrálho. Além disso, o livro explora a importância de artefatos mágicos, como a lendária varinha das varinhas e a pedra da ressurreição.

No ano de 2017, JK Rowling inovou e publicou mais um *spin-off*, o 3º volume, *Feitiços e Magia*. A série aprofunda a compreensão do sistema de magia no mundo de Harry Potter. Ela analisa os feitiços, encantamentos e poções que se tornaram tão emblemáticos na série. Além disso, destaca os efeitos visuais que deram vida a essa magia de maneira visualmente impactante nas telas de cinema. A série continua a explorar os locais notáveis da série através do 4º volume, *Lugares Fascinantes*, publicado em 2018. Essa obra oferece uma visão detalhada das configurações cinematográficas. Locais como a Sala Precisa, o Salgueiro Lutador e o icônico escritório de Dumbledore ganham vida nas páginas deste livro. Finalmente, o 5º e último volume, *Personagens Notáveis*, publicado em 2019, concentra-se nos personagens secundários e vilões que enriqueceram a série Harry Potter.

Essa série de volumes representa não apenas uma exploração dos bastidores da produção dos filmes de Harry Potter, mas também se alinha de maneira notável com o conceito de *spin-off* dentro do contexto da franquia. Ela proporciona aos fãs a oportunidade de aprofundar sua compreensão sobre a criação desses filmes e de apreciar a dedicação e o trabalho árduo da equipe de produção que deram vida às páginas literárias de J.K. Rowling nas telas de cinema. Cada volume, ao explorar aspectos específicos dos filmes, seja personagens, criaturas, locais, feitiços ou personagens secundários, oferece uma visão mais abrangente e detalhada do mundo bruxo. Isso é essencialmente uma expansão do universo cinematográfico, semelhante ao que os *spin-offs* literários fazem com o universo literário. Portanto, essa série de volumes não apenas celebra o mundo de Harry Potter, mas também contribui para sua riqueza e profundidade, tornando a experiência dos filmes ainda mais rica e envolvente para os fãs.

2.3 A Biblioteca Hogwarts: Os Contos de Beedle, o Bardo e “O Conto dos Três Irmãos”

Dentro do universo mágico da saga, o escritor fictício, Beedle, o Bardo, era um conhecido escritor de histórias, geralmente contos que eram lidos para as crianças bruxas. Ele nasceu em Yorkshire, na Inglaterra, e em algum momento de sua vida, ele escreveu a obra, que fez muito sucesso entre as famílias mágicas. Ao contrário dos demais escritores de seu tempo, Beedle deu destaque para os trouxas, colocando-os em suas narrativas com mais frequência, algo que não era feito pelos seus colegas. Como seria leviano falar sobre Beedle sem contextualizar sobre o que é um Bardo, as palavras a seguir ajudam a entender essa característica atribuída a Beedle:

Bardo, um poeta, especialmente aquele que escreve versos apaixonados, líricos e épicos. Os bardos eram originalmente compositores celtas de elogios e sátiras; a palavra passou a significar, geralmente, um poeta-cantador tribal, talentoso em compor e recitar versos sobre heróis e suas ações (BRITANNICA, s.d, tradução nossa).²

O personagem Beedle tem uma presença marcante na série Harry Potter não apenas como autor de contos de fadas mágicos, mas também como uma representação da sabedoria e da crença na bondade inerente das pessoas, mesmo as não mágicas, ou seja, as consideradas trouxas. Essas características o aproximam de outro personagem icônico da saga, Alvo Dumbledore. Alvo Dumbledore é amplamente considerado como um dos bruxos mais sábios e benevolentes do universo Harry Potter. Sua filosofia de valorizar a amizade, a compaixão e a justiça ecoam em muitos aspectos dos ensinamentos contidos nos contos de Beedle, contribuindo para a construção da moralidade e dos valores presentes na série. O mistério em torno da vida de Beedle, incluindo sua aparência, adiciona uma camada de intrigante ambiguidade a sua figura. A falta de informações textuais detalhadas sobre sua verdadeira aparência permite que os leitores tenham liberdade para imaginar e interpretar esse personagem de maneiras variadas, de acordo com sua própria visão e percepção. Isso, por sua vez, estimula a participação ativa dos fãs no universo Harry Potter, uma vez que eles podem

² Do original: Bard, a poet, especially one who writes impassioned, lyrical, or epic verse. Bards were originally Celtic composers of eulogy and satire; the word came to mean more generally a tribal poet-singer gifted in composing and reciting verses on heroes and their deeds.

debater e criar suas próprias representações visuais de Beedle, contribuindo para a riqueza da experiência de imersão no mundo mágico.

A xilogravura que retrata Beedle com uma barba volumosa e luxuriante, apesar de ser a única imagem visualmente associada ao personagem, torna-se uma referência visual reconhecível para os fãs. Essa xilogravura, presente nos contos de Beedle, serve como uma âncora visual para o personagem, ajudando a criar uma imagem icônica que os leitores podem associar às suas histórias. Além disso, essa imagem contribui para a construção de uma atmosfera mais rica e autêntica ao fornecer uma representação visual de um personagem sobre o qual, de outra forma, teríamos apenas poucas informações textuais.



Imagem 1: Xilogravura de Beedle, o Bardo. Fonte: *Os Contos de Beedle, o Bardo*.

A conexão entre Beedle e Alvo Dumbledore, o enigma que envolve a aparência de Beedle e a presença da xilogravura em suas obras desempenham papéis significativos na expansão do universo de Harry Potter, conferindo maior profundidade à narrativa e incentivando a participação ativa dos fãs na construção desse mundo mágico.

Dentro da obra *Os Contos de Beedle, o Bardo*, que reúne um total de cinco narrativas, destaca-se “O Conto dos Três Irmãos”, história de três homens que, mesmo sendo irmãos, eram completamente diferentes. Após encontrarem a morte em uma encruzilhada, cada um deles fez uma escolha para enganar o próprio destino. O mais velho, de índole violenta, pediu a varinha mais poderosa do mundo, para que ele pudesse derrotar todos os seus inimigos e ainda se gabar por isso. Já o segundo, um homem arrogante, pediu o poder de ressuscitar os mortos, e recebeu uma pedra retirada da margem do rio. Por último, o mais jovem, um homem sábio e humilde, fez um simples pedido: algo que permitisse a ele ir embora sem ser seguido pela morte. Ela, de má vontade, entregou um pedaço de sua própria capa da invisibilidade.

Após certo tempo juntos, os três irmãos se separaram e cada um seguiu o seu destino. O primeiro foi atrás de um bruxo com quem tinha se desentendido no passado e o matou a sangue frio, sem dar chances de defesa ao seu adversário. Depois de realizar tal feito, seguiu para uma estalagem, onde se gabou por ter a varinha mais poderosa do mundo e desafiou todos para um duelo, dizendo que ninguém jamais poderia derrotá-lo. Enquanto dormia, outro bruxo se aproximou de sua cama e cortou sua garganta para se apossar da varinha, e assim a morte levou o irmão mais velho.

O segundo viajou direto para sua casa, onde vivia solitário após perder precocemente sua jovem esposa. Assim que chegou, girou a pedra três vezes e, para sua surpresa, a figura de sua mulher apareceu diante dele, mas havia algo errado. Ela parecia triste e fria, pois já não pertencia mais ao mundo dos mortais, ou seja, seu lugar não era mais ali. Enlouquecido pela saudade e aflito com o que acaba de acontecer, o rapaz se enforcou para que finalmente se unisse pela eternidade com sua amada, e assim a morte levou o irmão do meio. Já o mais jovem, um homem sábio e humilde, seguiu sua vida sem ser seguido pela morte, que o procurava por muitos anos sem sucesso. Quando atingiu uma idade mais avançada e sentiu que sua hora estava chegando, o homem tirou a capa da invisibilidade e passou-a para seu filho. Acolhendo a morte como uma amiga, aceitou seu destino de bom grado e partiu para sempre dessa vida.

Uma análise um pouco mais aprofundada do conto narrado revela elementos dos contos de fadas em “O Conto dos Três Irmãos”. Assim, seria possível inferir que J.K.

Rowling, de algum modo, pode ter realizado uma possível referência aos contos populares tradicionais, como os contos dos Irmãos Grimm. A influência aqui analisada demonstraria o impacto duradouro dos contos populares e folclóricos na literatura contemporânea.

No que diz respeito à autora J. K. Rowling, não é possível afirmar que tenha lido os contos dos irmãos. Entretanto, [...] seria admissível inferir que ela possa ter tido algum tipo de contato com, ao menos, os contos mais famosos dos Grimm. De certa forma, isso é confirmado no prefácio do livro *Os contos de Beedle, o Bardo*, no qual encontra-se “O conto dos três irmãos” (DE MORAIS; DE PAULA, 2020, p. 252).

Essa provável conexão com a tradição folclórica fortalece a sensação de autenticidade e profundidade do mundo mágico de Harry Potter. Ao fazer uma possível referência aos Irmãos Grimm, J.K. Rowling demonstra a importância histórica desses contos populares e a universalidade dos temas explorados neles. Para Kristeva (cf. 1974, p. 68), todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Assim, a presença dos Irmãos Grimm no conto de Rowling estabelece uma ponte entre a literatura clássica e a contemporânea, reforçando a ideia de que certos mitos e histórias perduram através das gerações.

3 OS CONTOS DE FADAS E A LEITURA DE NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS

Os contos de fadas ultrapassam gerações. Cada geração tem a sua narrativa, mas o conto de fadas é o que fica.

Mário Corso

3.1 Os Irmãos Grimm e “A Mesa, o Burro e o Porrete”

Os irmãos Jacob Ludwig Karl Grimm (1785–1863) e Wilhelm Carl Grimm (1786–1859), nascidos em Hanau, Alemanha, são figuras notáveis na história da literatura e do folclore. Sua trajetória como escritores de contos de fadas reflete um profundo interesse nas tradições populares e uma busca por preservar a cultura e as histórias da Alemanha. Os Grimm não apenas compilaram uma vasta coleção de contos populares, mas, também, desempenharam um papel crucial na definição e popularização do gênero dos contos de fadas. A principal motivação dos dois, levando em conta a exploração dos contos de fadas, consistia na coleta de material para fins de pesquisa linguística. Após terem escrito uma vasta coleção de narrativas maravilhosas, eles atribuíram um segundo propósito a seu empreendimento: a preservação das narrativas tradicionais germânicas, pois era um desejo manter a tradição de suas origens, assim conferindo-lhes uma perspectiva nacionalista, em decorrência da invasão da Alemanha por forças napoleônicas na época em que esse interesse se manifestou. Essa busca por preservar as vozes e histórias do povo alemão levou-os a empreender uma jornada de coleta e documentação que impactaria profundamente o mundo literário.

A obra que mais define o legado dos irmãos Grimm é a coleção “Kinder- und Hausmärchen” (Contos para a Infância e o Lar). Esta notável compilação de contos populares alemães, contendo histórias como “Cinderela”, “Branca de Neve”, “Chapeuzinho Vermelho” e “Bela Adormecida”, foi resultado de um esforço incansável para registrar as narrativas exatamente como eram transmitidas oralmente. As histórias foram colhidas diretamente da fonte: as vozes das comunidades locais. Esse método de coleta conferiu à coleção uma autenticidade única, capturando nuances que teriam se perdido em uma abordagem mais distante.

Os contos de fadas dos Grimm não apenas resistiram à prova do tempo, mas também continuam a desempenhar um papel fundamental na educação e desenvolvimento das crianças modernas. Para Bettelheim (2002), “Todos os contos de fadas dos Irmãos Grimm foram discutidos com respeito às origens de cada estória, suas diferentes versões em todo o mundo, suas relações com outras lendas e contos de fadas” (BETTELHEIM, 2002, p. 325), o que tornava a fantasia acessível para as crianças, mesmo sofrendo diversas modificações e adaptações com o passar do tempo.

Essas histórias não são meras narrativas infantis, pois elas atuam como portadoras de valores, lições morais e *insights* culturais. Por meio dessas fábulas, as crianças são expostas a dilemas éticos e situações de vida, ao mesmo tempo em que mergulham em um mundo de imaginação, afinal, “o conto de fadas é a cartilha com a qual a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual.” (BETTELHEIM, 2002, p.174). As narrativas permitem que as crianças explorem suas próprias emoções e medos de maneira segura, cultivando empatia e compreensão emocional. Dessa forma, os contos de fadas dos Grimm continuam a ser um tesouro literário que passa de geração para geração, enriquecendo o desenvolvimento infantil.

A narrativa *A Mesa, o Burro e o Porrete*, embora não sendo uma das histórias de maior fama entre os leitores, contém elementos muito parecidos com aqueles utilizados na narrativa de J.K. Rowling, “O Conto dos Três Irmãos”. É preciso, então, entender o desenvolvimento do enredo. Os Grimm contam a história de três irmãos expulsos de casa por seu pai, um alfaiate, devido às mentiras de uma cabra falante. Cada filho é encarregado de cuidar da cabra por três dias, e a cabra sempre mente dizendo que não comeu nada. Isso leva à expulsão dos irmãos. Cada um deles segue seu próprio caminho e aprende uma habilidade única. O primeiro ganha uma mesa que se arruma sozinha, o segundo recebe um burro que produz ouro pela boca, e o terceiro adquire um porrete mágico que derrota inimigos. Contudo, os dois irmãos mais velhos são enganados e roubados quando se hospedam em uma estalagem, o que é típico dos contos que apresentam personagens enganosos. No entanto, o mais jovem, munido do Porrete Ensacado, consegue recuperar os objetos mágicos roubados ao vencer o estalajadeiro em uma luta. Esse confronto e a restauração da justiça são elementos

recorrentes nos contos de fadas, em que a virtude e a coragem frequentemente triunfam sobre as adversidades. Esse triunfo, aliás, é a tônica da saga contemporânea Harry Potter e de “O Conto dos Três Irmãos” como percebe-se a seguir.

3.2 Os contos de fadas: inspiração para J.K. Rowling?

A origem dos contos de fadas remonta a tradições de tempos antigos, quando histórias eram transmitidas oralmente de geração para geração. Essas narrativas frequentemente serviam como veículos para ensinar lições morais e transmitir valores culturais, refletindo as preocupações e crenças das sociedades em que surgiram. Conforme o tempo passou, essas narrativas sofreram modificações acarretadas por mudanças culturais e, não seria ilícito dizer, continuam a cativar grande parte dos leitores, em especial as crianças. Em síntese, “Os contos de fadas mudaram porque nós mudamos, eles nos acompanham há séculos, trocam de roupa a cada nova geração, e não parecem dar sinais de cansaço” (CORSO E CORSO, 2011, p. 184).

Na mesma linha de pensamento de Corso e Corso, Bruno Bettelheim (2002) acredita que essas narrativas, contadas de diferentes formas com o passar do tempo, tornam-se, por isso, cada vez mais refinadas, encobrendo múltiplos significados. Assim, atingem não somente as crianças, mas também os adultos. Os personagens e situações dos contos de fadas podem atuar como metáforas para as experiências e emoções das crianças, ajudando-as a compreender e lidar com essas complexidades.

Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida (BETTELHEIM, 2002, p. 8).

Bettelheim destaca o quão importante é trabalhar esse gênero logo na infância, argumentando que os contos de fadas desempenham um papel crucial no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças, fornecendo um meio de lidar com questões e conflitos internos. Além disso, outro aspecto marcante dos contos de fadas é a presença de elementos mágicos que transcendem as limitações da realidade.

Criaturas mágicas, feitiços e objetos encantados são comuns nesse gênero, o que nos leva, por simetria, a pensar em obras do gênero de fantasia.

O estudo da fantasia como gênero literário é fundamental para compreender autores como J.K. Rowling, que conseguem revitalizar e reinventar os contos de fadas clássicos, moldando-os de acordo com as sensibilidades contemporâneas. Conforme afirmam Vijayan e Haider (2016, p. 422, tradução nossa), “A fantasia está fundamentada em grande parte nas raízes e na história dos contos de fadas, folclores e mitologia.”³ Essa interconexão entre a fantasia e os contos de fadas ilustra a influência profunda que a fantasia tem exercido ao longo da história da literatura, tornando-se uma rica tapeçaria literária que permite aos autores explorar uma ampla gama de temas, muitas vezes usando cenários imaginários como metáforas para questões do mundo real.

No contexto da saga de Harry Potter, “O Conto dos Três Irmãos” desempenha um papel fundamental, uma vez que é narrado a Harry e Rony por Hermione, no sétimo livro da saga. Os três irmãos da narrativa estão seguindo seu caminho até se depararem com a Morte, personagem personificada em um ser que com eles conversa. A partir desse encontro, o conto destaca a inevitabilidade da morte e a futilidade de tentar superá-la por meios materiais. Isso reflete a dimensão existencial e a reflexão sobre a efemeridade da vida humana, uma das características dos contos de fadas.

Em “O Conto dos Três Irmãos”, o segundo irmão demonstra uma profunda ligação com o amor e uma relutância em aceitar a morte como o fim de seu relacionamento. A Pedra da Ressurreição, no entanto, não lhe proporciona a verdadeira felicidade, pois apenas permite que ele veja a sombra da amada, sentindo, ao mesmo tempo, uma dor profunda por não poder trazê-la de volta à vida. Isso ilustra a mensagem de que a morte é inevitável e que tentar contorná-la através de meios mágicos é uma ilusão. Nesse sentido, a escrita de J.K. Rowling mostra-se como uma leitura moderna dos tradicionais contos de fadas. A saga de Harry Potter e “O Conto dos Três Irmãos” exploram a busca por poder, riqueza e realização interior, através de

³ Do original: Fantasy is grounded to a great extent on the roots and history of fairytales, folklores and mythology.

uma jornada épica em um mundo mágico, refletindo questões humanas universais, como o medo da morte.

Ademais, o “Conto dos Três Irmãos”, mais especificamente, revela conexões evidentes com os contos de fadas em vários aspectos de sua narrativa. Primeiramente, a convergência que merece destaque é a presença de elementos mágicos intrínsecos, os quais são comuns nos contos de fadas. Na narrativa, a magia está presente nos prêmios concedidos pela Morte: a Varinha das Varinhas, a Pedra da Ressurreição e a Capa da Invisibilidade, que desempenham papéis centrais na narrativa. Aliado a esse raciocínio, há também o tema da superação de desafios e obstáculos, comum tanto nos contos de fadas quanto na história dos três irmãos. Cada irmão enfrenta dilemas e consequências de suas escolhas, refletindo características presentes em contos de fadas clássicos.

3.3 “A Mesa, o Burro e o Porrete”, dos Irmãos Grimm e “O Conto dos Três Irmãos”, de J.K Rowling: uma análise comparativa

A literatura frequentemente revela a diversidade narrativa e variações culturais por meio de contos populares e mitos, proporcionando uma compreensão mais ampla de diferentes perspectivas e abordagens. Conforme afirmado por Vladimir Propp, "Os enredos dos contos maravilhosos estão estritamente relacionados entre si" (PROPP, 2001, p. 11). Essa afirmação ressalta a profunda interconexão entre narrativas folclóricas, destacando sua importância como expressões culturais e literárias.

O conto “A Mesa, o Burro e o Porrete”, faz parte do rico folclore alemão, refletindo tradições orais que permeavam a Europa no século XIX. Por outro lado, "O Conto dos Três Irmãos" de J.K. Rowling emerge no contexto da literatura contemporânea e da cultura pop, como parte da série Harry Potter, lançada na década de 1990. Essas diferenças de origem e contexto são fundamentais para compreender as influências e os valores refletidos em cada narrativa.

No conto dos Grimm, os objetos dados como recompensa pelos mestres são: uma mesa que faz aparecer uma grande variedade de comida, um burro que produz

ouro e um bastão que batia em quem ameaçasse seu dono. No conto de Rowling, os objetos são a Varinha das Varinhas, a Pedra da Ressurreição e a Capa da Invisibilidade.

Primeiramente, como contos, as narrativas são curtas e não há espaço para o desenvolvimento psicológico dos personagens e nem aprofundamento sobre questões de moralidade. Em outras palavras, os personagens representam a ganância, a sabedoria etc., sem espaço para maiores caracterizações. Além disso, a dicotomia entre o bem e o mal é retratada de forma fixa, não havendo espaço para nuances de comportamento.

As duas histórias não se preocupam em reproduzir a realidade, muito pelo contrário, os autores extravasam as fronteiras daquilo que conhecemos como “real”. Por realidade entende-se, aqui, o mundo primário, espelhado na realidade do mundo factual do leitor. Ao fazer isso, J.K. Rowling e os Grimm possibilitam que diferentes universos possam ser criados, pois constroem um mundo secundário, aquele em que a mágica permite que seres como a Morte se tornem parte da história como personagens e animais como um burro possam produzir ouro, por exemplo. Na narrativa contemporânea “O Conto dos Três Irmãos”, essa ideia se torna evidente à medida que as personagens interagem com objetos mágicos de grande poder, desafiando a concepção tradicional da morte e da mortalidade, e explorando o reino da magia de forma natural. O conto “A Mesa, o Burro e o Porrete” também se alinha com essa visão, apresentando elementos mágicos como uma mesa que se abastece sozinha, um asno capaz de produzir ouro e um porrete, que sai do saco sozinho e bate nos inimigos. Em ambos os casos, a capacidade de criar realidades alternativas e mágicas mostra-se uma característica marcante.

Após os três irmãos serem expulsos de casa pelo pai – no conto dos Grimm –, cada um deles adquire uma habilidade profissional específica e é presenteado com uma recompensa por seus respectivos mestres. O mais velho aprende a se tornar um marceneiro e, como recompensa, recebe uma mesa mágica que possui a capacidade de se arrumar automaticamente e servir pratos de comida deliciosos. O segundo se torna um moleiro e, como parte de seu treinamento, é presenteado com um burro que tem a extraordinária habilidade de produzir ouro pela boca. O terceiro, por fim, se

especializa na arte de ser um torneiro e, em reconhecimento a seus esforços, é agraciado com um porrete mágico que demonstra a habilidade de vencer adversários por meios sobrenaturais. No conto de J. K. Rowling, entretanto, os irmãos não se engajam em aprendizado profissional algum, uma vez que já são dotados de habilidades mágicas, ou seja, são bruxos. Seus objetos mágicos não são adquiridos de personagens convencionais, mas são concedidos pela Morte, um ser sobrenatural. Essa distinção ressalta uma abordagem significativamente diferente em relação à origem e à natureza dos elementos mágicos presentes nas narrativas.

Na história em questão, a Morte é retratada aguardando nas margens de um rio, à espreita de uma oportunidade em que alguém, ao tentar atravessá-lo, venha a falecer. Quando os três bruxos utilizam magia para construir uma ponte sobre o rio, a Morte, embora mantendo sua irritação disfarçada, concede três presentes de acordo com os desejos manifestados pelos bruxos. Como resultado, presenteia o primeiro bruxo com a varinha mais poderosa entre todos os bruxos, o segundo com uma pedra da ressurreição e o terceiro com sua própria capa de invisibilidade. Nesse contexto, ocorre uma reinterpretação da figura do doador dos objetos mágicos: no conto dos Grimm, esse doador é uma figura humana comum, o homem da estalagem, enquanto na narrativa de J. K. Rowling é uma entidade sobrenatural, a Morte. Essa distinção ressalta uma abordagem diferente em relação à origem e à natureza dos elementos mágicos presentes na narrativa.

No desfecho da história, a Morte finalmente encontra o mais jovem, mas não como uma vítima, como ocorreu com os outros dois mais velhos. Em vez disso, o terceiro irmão aceita a Morte de maneira pacífica e tranquila, representando uma compreensão profunda e serena da morte como uma parte inevitável e natural da vida. Sua escolha de usar a Capa de Invisibilidade reflete uma sabedoria que transcende o desejo de poder ou a tentativa de desafiar a Morte, e isso acrescenta uma dimensão significativa ao conto, que continua a ressoar com os leitores.

Adicionalmente, nos contos de fadas, há um dilema logo no começo das narrativas, mesmo que de forma breve. No conto dos Grimm, cada irmão é expulso de casa pelo pai, periodicamente, após a cabra mentir que não está alimentada e os três jovens encontram-se sem rumo, resolvendo, mais tarde, procurar um trabalho. Já no

conto de J.K Rowling, os personagens encontram-se em uma encruzilhada, onde não conseguem atravessar um rio, então balançam suas varinhas e fazem uma ponte com sua mágica. A constatação de Bettelheim (2002) afirma que:

É característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica. Isto permite a criança aprender o problema em sua forma mais essencial, onde uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela. O conto de fadas simplifica todas as situações. Suas figuras são esboçadas claramente; e detalhes, a menos que muito importantes, são eliminados. Todos os personagens são mais típicos do que únicos (BETTELHEIM, 2002, p. 07).

Bettelheim ainda argumenta que os contos de fadas têm a característica única de apresentar dilemas existenciais de forma concisa e direta. Em vez de complicar as situações, os contos simplificam-nas, tornando-as compreensíveis para as crianças. Essa simplicidade é fundamental, pois permite que as crianças compreendam os problemas em sua forma mais essencial, sem se perderem em tramas complexas que podem confundir. No entanto, a relevância dos contos de fadas não se limita apenas às crianças, pois as narrativas abordam questões humanas profundas, como o bem contra o mal, o amor, o sacrifício, o crescimento pessoal e a superação de desafios, oferecendo *insights* valiosos para os adultos.

Ao dizer que “as funções de certos personagens dos contos maravilhosos se transferem para outros personagens” (PROPP, 2001, p. 17), o autor evidencia que a estrutura e as dinâmicas dos contos maravilhosos são altamente flexíveis e adaptáveis. Isso significa que, embora existam papéis tradicionais, como o herói, a donzela em perigo e o vilão, esses papéis não estão rigidamente vinculados a personagens específicos. Em vez disso, eles podem ser desempenhados por diferentes personagens ao longo da história, dependendo da narrativa e das necessidades do enredo. Isso ilustra a versatilidade e a atemporalidade dos contos maravilhosos, que podem ser reimaginados e reinterpretados de várias maneiras, mantendo sua ressonância e relevância em diferentes contextos e culturas.

As primeiras funções apresentadas por Propp acerca dos contos maravilhosos e que se encaixam em ambas as histórias, a de J.K Rowling e dos Grimm, são as seguintes: “VI. O Antagonista Tenta Ludibriar sua Vítima para Apoderar-se dela ou de seus Bens e VII. A Vítima se Deixa Enganar, Ajudando assim, Involuntariamente, seu

Inimigo” (Propp, 2001, p. 21). Na narrativa de Rowling, a morte é apresentada logo na primeira página e subentende-se que ela é a antagonista da história, pois pela colocação a seguir, infere-se que ela irá prejudicar os irmãos com seus supostos “presentes”:

E a Morte falou. Estava zangada por terem lhe roubado três vítimas, porque o normal era os viajantes se afogarem no rio. Mas a Morte foi astuta. Fingiu cumprimentar os três irmãos por sua magia, e disse que cada um ganhara um prêmio por ter sido inteligente o bastante para lhe escapar (ROWLING, 2021, p. 121).

Já no conto dos Grimm, o antagonista é representado pelo dono da estalagem, que consegue enganar o primeiro e o segundo irmão, mas falha ao tentar enganar o terceiro. No trecho a seguir, percebemos a maldade presente no estalajadeiro:

Os pensamentos do estalajadeiro, porém, não lhe deram descanso; lembrou-se que havia em sua oficina uma mesinha velha bem parecida com a do aprendiz, e foi buscá-la sem fazer barulho e trocou-a pela mesinha mágica. Na manhã seguinte, o marceneiro pagou a hospedagem, apanhou sua mesa e sem jamais pensar que poderia ser falsa seguiu seu caminho. (GRIMM, 2005, p. 163).

Nessa parte, o homem troca a mesa mágica do primeiro irmão por outra mesa qualquer, prejudicando assim o jovem marceneiro que confiava na magia da mesa e queria mostrar a seu pai. Essa ação do estalajadeiro revela sua malícia e seu desejo egoísta de obter benefícios pessoais à custa da ingenuidade dos viajantes. O contraste entre a bondade e a generosidade dos protagonistas, como o terceiro irmão, e a ganância do antagonista é um elemento comum em muitos contos de fadas, incluindo as histórias dos Grimm.

Outro ponto de convergência entre os contos citados e que Propp evidencia é a função dos personagens “IX. É divulgada a Notícia do Dano ou da Carência, Faz-se um pedido ao Herói ou lhe é Dada uma Ordem, Mandam-no Embora ou Deixam-no ir” (PROPP, 2001, pg. 24). No momento inicial da história dos Irmãos Grimm, o pai dos personagens expulsa-os de casa porque a cabra mente que não está alimentada, forçando assim os filhos a empreender uma jornada em busca de meios para sobreviver, como percebe-se no seguinte trecho sobre a expulsão do primeiro irmão: “Então, seu mentiroso, me disse que a cabra estava satisfeita e a deixou passar fome! - Com raiva apanhou o metro na parede e surrou o filho, expulsando-o de casa.” (Grimm,

2005, p. 159). Essa expulsão por parte do pai, em resposta à suposta má conduta da tarefa solicitada, desencadeia a narrativa e estabelece a função citada. Nesse caso, a notícia do dano acontece quando o pai nota que os filhos não alimentaram a cabra, então ele manda os filhos irem embora.

Em relação ao conto de Rowling, a função IX também se aplica quando a Morte dá aos personagens, os objetos mágicos, após escaparem de um rio furioso. A Morte deixa os três bruxos irem embora após presentear-los com seus respectivos “prêmios”, como mostra o seguinte trecho: “Então, a Morte se afastou para um lado e deixou os três irmãos continuarem viagem, e foi o que eles fizeram, comentando, assombrados, a aventura que tinham vivido e admirando os presentes da Morte.” (ROWLING, 2021, pg. 123). Os prêmios dados pela Morte, aliando-se ao fato de ela deixar os três irem embora, funciona como o início da jornada dos irmãos, à medida que cada um deles usa seu objeto mágico e enfrenta as consequências de suas escolhas.

Um dos objetos mágicos que foram “doados” pela Morte, se configura também na função “XIV. O Meio Mágico Passa às Mãos do Herói” (PROPP, 2001, p. 27), pois essa definição envolve a transição de um objeto mágico para as mãos do herói, muitas vezes fabricado por seres sobrenaturais ou entidades especiais, tornando-se um momento crucial na narrativa. No conto em questão, a própria Morte faz o presente do terceiro irmão, cortando um pedaço de sua capa, como constata-se no seguinte trecho: “O mais moço era o mais humilde e o mais sábio dos irmãos, e não confiou na Morte. Pediu, então, algo que lhe permitisse sair daquele lugar sem ser seguido por ela. E a Morte, de má vontade, lhe entregou a própria Capa da Invisibilidade” (ROWLING, 2021, p. 122). Este ato é significativo, pois a capa da invisibilidade representa um elemento fundamental na história, e sua entrega pela Morte desencadeia uma série de eventos que moldam o destino do mais jovem. O fato de a Morte criar esse objeto e entregá-lo a ele estabelece a importância e a singularidade do presente, pois a capa da invisibilidade desempenha um papel central na história, representando não apenas a capacidade de escapar da Morte, mas também a superação de obstáculos, agir sem ser detectado e, em última análise, alcançar a sabedoria. É um símbolo do poder e da magia, e seu uso pelo terceiro irmão é central para sua trajetória na narrativa,

destacando o papel dos objetos mágicos na construção de contos de fadas e sua importância na evolução dos personagens e da trama.

No conto dos Grimm, cada um dos três personagens recebe um objeto mágico distinto. A mesa mágica é capaz de se encher automaticamente de comida, o asno de ouro tem a capacidade de produzir moedas e o porrete ensacado, contrariando informações anteriormente fornecidas, é empregado como uma arma para enfrentar inimigos. A função XIV, conforme definida por Propp em sua análise, se manifesta quando o herói mais jovem recebe o porrete ensacado como presente. Este objeto mágico assume um papel essencial na narrativa, sendo utilizado pelo herói para enfrentar conflitos e superar obstáculos que surgem ao longo da história. A atribuição do porrete ensacado ao herói estabelece um ponto crucial na trama, uma vez que marca o início de uma série de eventos que impactam o desenrolar da história, como percebe no trecho a seguir:

Quando terminou o aprendizado e precisou ganhar mundo, como se comporta tão bem, o mestre lhe deu de presente uma mochila e disse:

— Tem aí dentro um porrete.

— Posso usar a mochila — comentou o rapaz-, e ela poderá ser muito útil, mas para que um porrete dentro? Isso só tornará a mochila mais pesada.

— Vou lhe explicar o porquê — respondeu o mestre —; se alguém fizer alguma coisa para prejudicá-lo, basta dizer: “Fora do saco, porrete!”, e o porrete avançará para as pessoas e a executará tal dança nas costas delas que as deixará incapazes de se mexerem por uma semana, não descansando enquanto você não disser: “Dentro do saco, porrete!” (GRIMM, 2005, p. 166).

Esse presente é oferecido como uma recompensa pelo bom desempenho e pela honradez do mais jovem durante seu período de aprendizado. Essa ação do mestre estabelece um tema central da história: a virtude do herói é reconhecida e recompensada. O presente em si é dotado de uma função mágica específica - o porrete pode ser convocado a qualquer momento pelo protagonista, simplesmente pronunciando as palavras mágicas apropriadas. Quando convocado, o porrete sai do saco e, quando ordenado, retorna ao saco. Essa função mágica confere um elemento de fantasia e magia ao conto, um traço característico dos contos de fadas. Assim, esse trecho do conto desempenha um papel fundamental na narrativa, introduzindo um elemento mágico, destacando as virtudes do protagonista e fornecendo orientações

sobre a utilização do porrete ensacado. Esses elementos contribuem para a construção da história e sua progressão à medida que o protagonista enfrenta desafios futuros e emprega o porrete mágico de acordo com as instruções fornecidas. Com isso, “O estalajadeiro e a Morte podem ser vistos como análogos, pois ambos são os antagonistas das narrativas. Assim, é estabelecida a presença de polos opostos (doadores e antagonistas)” (DE MORAIS; DE PAULA, 2020, p. 260).

Os doadores de objetos ou poderes mágicos, muitas vezes são representados por figuras sobrenaturais ou mágicas, como é o caso da Morte na narrativa de Rowling. Na obra dos Grimm, o estalajadeiro não é um ser mágico, porém é importante destacar o papel dos doadores em ambas as histórias, pois eles desempenham um papel fundamental ao fornecer aos heróis os meios para enfrentar desafios e superar obstáculos. Eles são personagens que concedem presentes, conhecimento ou habilidades especiais aos protagonistas. Em contrapartida, os antagonistas, como é o estalajadeiro, representam obstáculos e desafios a serem superados. Eles frequentemente agem em oposição aos heróis, causando conflitos e dilemas na narrativa.

Essa dicotomia entre doadores e antagonistas é uma característica recorrente em muitas histórias, especialmente em contos de fadas, e desempenha um papel importante na estrutura da narrativa. Ela contribui para o desenvolvimento dos personagens, a criação de conflitos e a progressão da trama, tornando-se um elemento essencial na construção da história. Para Coelho (1991, p. 146) essa relação de polos opostos - doador/antagonista - acontece quando “interferem com a sorte das personagens para ajudá-las ou prejudicá-las”. A relação entre esses polos opostos, em que os doadores interferem na sorte das personagens, seja para ajudá-las ou prejudicá-las, é uma temática recorrente na literatura e nas narrativas folclóricas.

Ademais, entre as semelhanças citadas está o número três e o seu histórico cabalístico, pois ambas as histórias possuem três irmãos e três objetos mágicos, e é no terceiro irmão, de cada conto, que está o herói. Segundo Tatar (2004, p. 68), “[...] na maior parte das trincas de irmãos do mesmo sexo nos contos de fadas, o mais novo, em posição de desvantagem, [...] é superior aos dois mais velhos”. O mais jovem, apesar de suas desvantagens aparentes, frequentemente demonstra ter qualidades

especiais, como sabedoria, inteligência ou coragem, que o destacam como o verdadeiro herói da história. Essa inversão de expectativas em relação ao terceiro irmão mais novo é uma característica distintiva dos contos de fadas, onde a superação de desafios e dificuldades conduz o herói à proeminência.

De Moraes e De Paula (2020) fazem uma comparação entre os dois contos, apresentando elementos que ecoam dos contos de fadas dos Grimm, que frequentemente tratam de lições morais e questões éticas, para o “Conto dos Três Irmãos”, de J.K. Rowling. Como dizem os próprios autores: “Ao ler o conto de Rowling, percebe-se que a estrutura dos contos de fadas, os personagens, a natureza e até mesmo os símbolos (como o número três) foram mantidos” (DE MORAIS; DE PAULA, 2020, p. 272). Essa intertextualidade enriquece a experiência do leitor, permitindo que eles apreciem a familiaridade dos contos de fadas enquanto exploram um universo mágico contemporâneo. A análise dos autores destaca como as histórias atemporais continuam a inspirar e influenciar a literatura, ultrapassando as fronteiras do tempo e da cultura. Isso demonstra que a magia dos contos de fadas e sua relevância moral e ética permanecem vivas e pulsantes na literatura moderna, perpetuando um legado literário rico e cativante.

4 LETRAMENTO LITERÁRIO EM AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização... O letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola.

Rildo Cosson

4.1 Os contos de fadas em sala de aula

Os contos de fadas, os minicontos, as fábulas e outros gêneros literários carregam consigo o poder de nos transportar para mundos mágicos, repletos de maravilhas e desafios extraordinários. São narrativas que transcenderam gerações e continuam a desempenhar um papel fundamental na formação do letramento literário dos alunos. Como observado nas diretrizes educacionais (BRASIL, 2018, p. 187), a leitura autônoma e a compreensão desses gêneros literários têm um impacto profundo na formação de leitores críticos e apaixonados pela literatura, como se lê a seguir:

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores (BRASIL, 2018, p. 187).

Além disso, a BNCC (BRASIL, 2018, p. 157) destaca a literatura como meio de conhecer diversas formas de existir, pensar e agir, com o objetivo de valorizar e respeitar a diversidade. Nesse contexto, os contos de fadas e a literatura de fantasia desempenham um papel significativo no letramento literário, permitindo aos alunos explorar mundos imaginários, culturas diversas e perspectivas únicas, contribuindo assim para a apreciação e compreensão da diversidade cultural e das diferentes maneiras de conceber a realidade.

Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BRASIL, 2018, p. 157).

Os contos de fadas e a fantasia desempenham um papel fundamental no enriquecimento do letramento literário, proporcionando aos alunos a oportunidade de explorar mundos imaginários e perspectivas culturais diversas. Ademais, as narrativas incentivam a compreensão da complexidade da narrativa e promovem o desenvolvimento da capacidade de escrita e criatividade dos adolescentes. Além disso, a exploração desses gêneros literários permite sensibilizar os alunos em relação à natureza que os cerca. Em um mundo cada vez mais dominado pela tecnologia e pelas redes sociais, o contato com elementos naturais muitas vezes é negligenciado. No entanto, os contos de fadas frequentemente incorporam elementos da natureza, incentivando os alunos a refletir sobre o ambiente em que vivem e a valorizar a conexão entre a literatura e o mundo que os permeia. Essa abordagem proporciona uma experiência de aprendizado mais rica e significativa, tirando os alunos da "bolha virtual" e estimulando sua reflexão sobre o mundo real.

(EF89LP35) Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa. (BRASIL, 2018, p. 187).

Assim como os Irmãos Grimm e J.K. Rowling exploraram de forma criativa os elementos fantásticos em suas obras, os alunos têm a oportunidade de trabalhar em projetos de escrita colaborativa que incorporam a magia, o suspense e a criatividade inerentes aos contos de fadas e à literatura de fantasia. Ao explorar a influência e o legado desses autores renomados, os estudantes também podem se inspirar em suas abordagens para criar histórias envolventes e originais, incorporando recursos expressivos e elementos narrativos de maneira significativa. Essa abordagem interconecta a literatura clássica e contemporânea, permitindo que os alunos explorem as raízes dos contos de fadas nos Irmãos Grimm e o impacto moderno da literatura de

fantasia de J.K. Rowling. Ao fazer isso, o letramento literário se torna uma jornada emocionante, na qual os alunos podem descobrir como a magia das palavras e das histórias transcende gerações e culturas, capacitando-os a se tornarem escritores e leitores mais habilidosos e críticos.

4.2 Proposta didática

4.2.1 Aula 1

Dois períodos de 45 minutos cada.

Objetivos

Aprofundar a compreensão sobre o gênero conto de fadas;

Reconhecer elementos e estruturas comuns nos contos de fada existentes;

Conhecer o legado cultural e a importância dos Irmãos Grimm na preservação e popularização de contos de fadas.

Materiais necessários

Projector, fita crepe e imagens de diversos personagens dos seguintes contos de fadas: João e Maria, Chapeuzinho Vermelho, Bela Adormecida, Rapunzel, e Branca de Neve.

Desenvolvimento

- 1) Como parte introdutória da aula, a professora irá escrever o nome de 5 versões de contos dos Irmãos Grimm, que devem estar divididos em colunas - como uma tabela - e são os seguintes: João e Maria, Chapeuzinho Vermelho, Bela Adormecida, Rapunzel, e Branca de Neve. Depois, irá colar imagens de diversos personagens dessas histórias, que estarão misturados;
- 2) Como a atividade será coletiva, não é necessário formar grupos, mas somente uma regra precisa ser clara: cada aluno deverá ir até o quadro e só poderá mexer em dois personagens de histórias diferentes, de modo a organizá-los em suas respectivas narrativas. No final da atividade, quando todos os alunos

estiverem ido até o quadro e ainda estiverem sobrando alguns personagens, será permitida a repetição dos alunos que quiserem se dirigir, novamente, até o quadro;

- 3) Os alunos trabalharão juntos, com base em seu conhecimento das histórias, para identificar os personagens ausentes. Além disso, os alunos serão incentivados a compartilhar informações sobre os personagens e as histórias com todos os colegas, promovendo a colaboração e a troca de conhecimento entre eles;
- 4) Para conduzir a discussão sobre a dinâmica, a professora utilizará as seguintes perguntas:
 - a. Como vocês decidiram onde cada personagem "pertencia" em suas narrativas originais? Quais foram os critérios que utilizaram?
 - b. Vocês acreditam que essa atividade demonstra que muitos contos de fadas têm elementos e estruturas comuns? Por quê?
 - c. Vocês acham que os contos de fadas têm mensagens vistas como a "moral" da história? Se sim, quais são?
 - d. Como essa atividade se relaciona com a ideia de que os contos de fadas são flexíveis e podem ser recontados de várias maneiras?
 - e. Você notou algum padrão nos tipos de personagens que aparecem em contos de fadas? Por exemplo, quais são os papéis comuns, como heróis, vilões, ajudantes mágicos?
- 5) Depois da discussão, a professora irá mostrar o vídeo "Gênero discursivo: Contos de fadas", do canal "Educar Sempre" do YouTube, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BJO07g4WFDM&t=1s>.
- 6) Em seguida, escreverá a seguinte questão no quadro "O que você entende por contos de fadas?" e pedir que cada um compartilhe o seu entendimento, de forma oral, sobre o gênero dos contos de fadas.
- 7) Posteriormente, na parte final da aula, a professora irá conduzir uma discussão sobre a vida e o legado dos Irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, comentando sobre sua vida, contribuições, coleções de contos e a importância cultural dos mesmos, além de apresentar, novamente, exemplos de seus contos e comentando, brevemente, sobre seu impacto contemporâneo.

4.1.2 Aula 2

Dois períodos de 45 minutos cada.

Objetivos

Reconhecer os elementos típicos que compõem um conto de fadas, tais como: antagonista, herói, objetos mágicos e cenários, explorando como esses elementos contribuem para a construção de mundos de fantasia, transmitindo mensagens, valores e lições importantes;

Refletir sobre as escolhas feitas pelos personagens no conto e as decisões que enfrentam em suas próprias vidas;

Identificar a mensagem moral de um conto, contribuindo para o desenvolvimento da habilidade de análise literária e interpretação de textos.

Materiais necessários

Projektor; Cópias do conto “A mesa, o burro e o porrete”, dividido em 4 partes; Cópias do conto completo.

Desenvolvimento

- 1) Na primeira parte da aula, a professora irá dividir a turma em 5 grupos, explicando que todos farão a leitura de um conto dos Irmãos Grimm, que é “A mesa, o burro e o porrete”;
- 2) Considerando que a história já estará, previamente, dividida, a professora irá distribuir o conto em 5 partes, sendo elas: Introdução (pg. 159 até a metade da pg. 162); Vida do 1º irmão (pg. 162 até metade da pg. 164); Vida do 2º irmão (pg. 164 até o início da pg. 166); Jornada do 3º irmão e conclusão (pg. 166 até a pg. 168);
- 3) Algo importante a ser lembrado é que a professora irá omitir a numeração das páginas dos capítulos, de modo que, ao final da atividade, o objetivo dos alunos será colocar a história em ordem cronológica;

- 4) Assim, cada grupo ficará com, pelo menos, 1 aluno de cada parte. Assim, todos devem ler suas respectivas páginas e fazer um breve resumo de seus acontecimentos, comentando sobre os pontos principais. Em seguida, o grupo deve conversar entre si e colocar a história em ordem, de modo a organizar os acontecimentos;
- 5) Após a parte inicial, a professora contará a história para a turma, distribuindo cópias do conto completo para todos acompanharem a leitura. Assim, todos vão conferir se o seu raciocínio sobre a ordem cronológica está correto ou não;
- 6) Posteriormente, irá apresentar, através do projetor, um questionário de verdadeiro ou falso com as seguintes questões:
 - a. (Verdadeiro/Falso) Os irmãos recebem um presente de cada um dos mestres com os quais trabalharam.

R: Verdadeiro. Cada irmão recebe um presente de um mestre diferente, e esses presentes desempenham um papel crucial em suas jornadas individuais.

- b. (Verdadeiro/Falso) O terceiro irmão é o único que tem sucesso em sua jornada.

R: Verdadeiro. Os outros dois irmãos enfrentam dificuldades e retornam para casa sem sucesso.

- c. (Verdadeiro/Falso) O conto ensina que as escolhas feitas pelos personagens não têm consequências.

R: Falso. O conto ensina precisamente o oposto, destacando as consequências das escolhas feitas por cada irmão e pela cabra. As escolhas determinam o sucesso ou o fracasso de suas jornadas.

- d. (Verdadeiro/Falso) O conto "A Mesa, o Burro e o Porrete" é uma história de aventura, mas não tem nenhuma mensagem moral.

R: Falso. Além de ser uma história de aventura, o conto tem uma mensagem moral. Ele enfatiza a importância das escolhas e das ações responsáveis, bem como as recompensas e punições que podem resultar dessas escolhas.

e. (Verdadeiro/Falso) O terceiro irmão encontra uma solução para os desafios usando seu presente de forma inteligente.

R: Verdadeiro. O terceiro irmão encontra uma solução criativa e inteligente para enfrentar o dono da estalagem, usando o presente que recebeu de seu mestre.

7) Na parte final da aula, a professora irá corrigir o exercício junto com os alunos, comentando sobre cada assertiva.

4.1.3 Aula 3

Dois períodos de 45 minutos cada.

Objetivos

Refletir sobre a importância da literatura como meio de abordar questões existenciais e morais;

Relacionar o “Conto dos Três Irmãos” ao contexto dos contos de fadas tradicionais;

Identificar e analisar o papel dos objetos mágicos em contos de fadas.

Materiais necessários

Projektor e Ficha técnica da atividade do objeto mágico.

Desenvolvimento

- 1) Nas aulas anteriores, a professora apresentou os contos de fadas dos Irmãos Grimm e comentou como as histórias influenciaram a cultura de sua época. Na aula 3, a professora examinará, juntamente com os alunos, como esse legado continua a moldar a literatura e a cultura contemporânea, falando sobre sua influência na literatura moderna, adaptações cinematográficas e os contos de fadas na cultura pop;
- 2) Para isso, depois de realizar uma breve introdução sobre o impacto contemporâneo dos Irmãos Grimm, a professora iniciará a aula falando sobre a

história de Harry Potter, sem dizer que se trata da mesma. O seguinte texto será lido por ela:

Imagine que você é um menino órfão que vive uma vida difícil com seus tios abusivos. Sua vida muda completamente quando, aos 11 anos, recebe uma carta misteriosa que o convida a frequentar uma escola de magia. Determinado, você parte para um mundo completamente novo, cheio de maravilhas e desafios mágicos. Lá, faz amigos leais e começa a desvendar os segredos de seu passado. À medida que os anos passam, você descobre a verdade sobre um perigoso inimigo que ameaça o mundo bruxo e decide enfrentá-lo corajosamente. Sua jornada culmina em uma batalha épica entre o bem e o mal, onde você deve usar todo o seu poder mágico para proteger o mundo que agora chama de lar.

3) Após contar, brevemente, a história, a professora irá mostrar a seguinte imagem:



Imagem 2: O armário sob a escada. Fonte: Revista Crescer.

Ao mostrar a imagem, a professora fará os seguintes questionamentos para os alunos, instigando uma discussão:

- a. O que você acha que o personagem na imagem está sentindo? Por quê?
 - b. Como você acha que a vida desse personagem mudou quando ele recebeu a carta para a escola de magia?
 - c. Qual é a importância de ter amigos leais na vida do personagem?
 - d. Você já enfrentou situações difíceis em sua própria vida? Como você as superou?
 - e. Que mensagem ou lição você acha que podemos aprender com a história desse personagem?
- 4) Depois da discussão, a professora perguntará se os alunos conhecem a obra “Os Contos de Beedle, o Bardo”. Após ouvir os alunos, ela contará uma das histórias presentes no livro, que será “O Conto dos Três Irmãos”; Para isso, as luzes da sala devem estar apagadas e as cortinas fechadas, para que tenha o mínimo de luz possível, considerando que as aulas acontecem de dia. Então, somente com a lanterna de seu celular acesa, ela pega o livro de JK Rowling e começa a leitura;
- 5) Depois de realizar a leitura do conto, a professora irá mostrar o vídeo “O Conto dos 3 Irmãos Harry Potter”, publicado pelo canal “Estupefaça Potter”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G3pVD7LRuj4>.
- 6) Após o vídeo, a professora acende as luzes e faz as seguintes perguntas:
- a. De que maneira esse conto se diferencia ou se assemelha aos contos de fadas tradicionais que você já conhece?
 - b. Como o conto nos faz refletir sobre a natureza da morte? Os seres humanos lidam com a ideia de morrer. Como você interpreta essa reflexão?
 - c. O que vocês acham da escolha dos irmãos em relação aos presentes que receberam? Como isso afetou o desenrolar da história?
 - d. Se você estivesse em uma situação semelhante à dos três irmãos, qual presente teria escolhido e por quê?
- 7) Após os questionamentos, a professora iniciará uma atividade prática, na qual os alunos terão a oportunidade de escolher um objeto mágico de sua livre escolha e justificar sua seleção por meio de uma ficha técnica. Cada aluno selecionará um

objeto que considere especial e, em seguida, explicará como esse objeto funciona, seu significado ou simbolismo, e como ele poderia desempenhar um papel em uma história de conto de fadas. Isso incentivará a criatividade, a reflexão crítica e a capacidade de relacionar elementos mágicos à narrativa, permitindo que os alunos explorem a importância dos objetos mágicos na construção de histórias encantadoras e fantásticas;

8) Como forma de promover um momento para os alunos exercerem a sua criatividade, a professora irá sugerir que cada um faça um desenho, pintura ou artesanato de seu respectivo objeto; para isso, os alunos podem preencher a ficha técnica em sala e pensar em sua ideia para a apresentação, que será realizada na aula seguinte. A atividade será a seguinte:

Ficha Técnica: Objeto Mágico

Nome do Aluno: _____ **Data:** ____/____/____

Instruções: Escolha um objeto mágico e justifique a seleção com base em sua funcionalidade, significado e possível papel em uma história de conto de fadas.

Objeto Mágico Escolhido: _____

Funcionalidade: Explique como o objeto mágico funciona. Qual é o seu poder ou habilidade especial? Como ele é ativado e usado?

Significado: Descreva o significado ou simbolismo por trás do objeto mágico. Por que você acredita que esse objeto é importante ou interessante em um contexto de contos de fadas?

Papel em uma História de Conto de Fadas: Imagine como seu objeto mágico poderia ser incorporado em uma história de conto de fadas. Descreva como ele afetaria o enredo, os personagens ou o mundo mágico da história.

Observações: Use este espaço para quaisquer observações adicionais ou explicações que julgar necessárias.

4.1.4 Aula 4

Objetivos

Desenvolver habilidades de comunicação oral e persuasão, aprimorando suas habilidades de argumentação e criatividade;

Analisar criticamente dois contos de fadas, identificando semelhanças e diferenças entre as histórias;

Contribuir para a criação de um conto de fadas coletivo.

Materiais Necessários

Projetor

Desenvolvimento

- 1) Na primeira parte da aula, os alunos vão apresentar tarefa que contém a ficha técnica de seus objetos mágicos; como foi previamente combinado com a turma, cada aluno pode apresentar um desenho, pintura ou artesanato que represente seu respectivo objeto;
- 2) Sabendo que os contos de fadas estão interligados por seus elementos, a professora irá retomar os contos trabalhados nas aulas anteriores, comentando sobre as histórias e utilizando as seguintes perguntas:
 - a. Quais são as semelhanças e diferenças entre o "Conto dos Três Irmãos" de J.K. Rowling e "A Mesa, o Burro e o Porrete" dos Irmãos Grimm?
 - b. Ambos os contos envolvem presentes mágicos. Como a natureza desses presentes afeta o desenvolvimento das histórias?
 - c. Qual é o papel do antagonista no conto dos Irmãos Grimm, representado pelo dono da estalagem? Como ele difere ou se assemelha à Morte no "Conto dos Três Irmãos"?
- 3) Em seguida, para que a próxima atividade seja realizada, a professora irá comentar, a partir dos exemplos das aulas anteriores, a estrutura, os elementos e citar, brevemente, os tipos de contos; para isso, ela mostrará o vídeo "O que são contos? - Gênero textual" do canal "Nubeedu" do Youtube, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=okBRdezew_A.
- 4) Após comentar sobre o conteúdo do vídeo, a professora seguirá para a próxima atividade, dividindo o quadro em 3 colunas: Espaço, Personagens e Objetos Mágicos; então, deve ser enfatizado que os alunos escreverão um conto de fadas na próxima aula, e que agora será um momento para discutir a estrutura e os elementos desse conto; para tanto, os alunos podem formar grupos de 5 ou 6 integrantes;
- 5) Posteriormente, depois de se reunirem com seus respectivos grupos, os alunos poderão dar sugestões de onde a história irá acontecer; quais personagens estarão presentes e quais objetos mágicos farão parte da narrativa;

4.1.5 Aula 5

Dois períodos de 45 minutos cada.

Objetivos

Desenvolver habilidades de escrita criativa baseadas em contos de fadas;

Praticar a coesão na narrativa e aplicá-la em diversos textos;

Aplicar feedback construtivo como equipe.

Desenvolvimento

- 1) Essa aula será dedicada para a realização da dinâmica de escrita colaborativa. Para isso, os alunos devem se reunir com o mesmo grupo da aula anterior;
- 2) Depois, a professora pedirá que cada aluno pegue seu caderno e comece a escrever o começo de sua história, de acordo com os elementos escolhidos anteriormente;
- 3) A dinâmica sugerida para essa atividade é a seguinte: Cada aluno pode ficar com o seu caderno durante, mais ou menos, 10 minutos. Após o tempo solicitado, eles devem passar o seu caderno para o colega da direita, de modo que cada aluno continuará a história de outra pessoa, e assim sucessivamente.
- 4) Ao final da atividade, os alunos deverão entregar os textos para a professora. Além disso, ela também irá perguntar como foi a experiência de escrever de forma colaborativa e como eles se sentiram durante a atividade.

4.3 Resultados esperados

Em primeiro lugar, busca-se que os alunos adquiram uma compreensão profunda dos elementos intrínsecos a um conto de fadas, notadamente o antagonista, herói, objetos mágicos e cenários. Tal conhecimento visa aprimorar as competências de leitura, interpretação e escrita dos alunos, consolidando uma base sólida para análises literárias e criação de narrativas dentro desse gênero literário.

Ademais, ao fomentar comparações entre contos tradicionais e narrativas contemporâneas, como os conto “A Mesa, o Burro e o Porrete”, dos Irmãos Grimm e o “Conto dos Três Irmãos”, de JK Rowling, almeja-se que os alunos desenvolvam a habilidade de identificar conexões entre a literatura clássica e a contemporânea. Essa abordagem pretende fortalecer a capacidade dos alunos de relacionar histórias e discernir influências culturais, o que, por sua vez, amplia sua compreensão do cânone literário.

No que se refere à análise das escolhas dos personagens e às consequências de suas ações, o objetivo central é que os alunos internalizem lições significativas para suas vidas. A compreensão de que as narrativas frequentemente enfatizam a responsabilidade das escolhas e suas ramificações pode contribuir para uma abordagem mais consciente em relação às decisões que tomam, tanto em âmbito pessoal quanto coletivo.

Por último, as atividades de escrita colaborativa estão planejadas para estimular o trabalho em equipe, a criatividade e a comunicação eficaz. Os alunos aprenderão a compartilhar suas ideias, integrar diferentes perspectivas e criar histórias conjuntamente. Esse processo, além de desenvolver as competências de escrita, propicia o aprimoramento das habilidades interpessoais, preparando os alunos para desafios futuros no âmbito acadêmico e profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do trabalho desenvolvido, demonstrou-se que o ensino do gênero conto está previsto nas séries finais do ensino fundamental, mais especificamente nos documentos da educação brasileira, como a BNCC. Todavia, não há um caminho certo sobre como trabalhá-lo em sala de aula, ou seja, a maneira como deve ser abordado nas atividades. Sabendo-se disso, torna-se relevante uma abordagem educacional que valorize a diversidade cultural através de textos que, preferencialmente, possam ser reconhecidos pelos alunos para além da sala de aula, como é o caso dos contos de fadas. Assim, trazer os contos de fadas nos projetos didáticos, a partir de sua origem e influência nas produções literárias contemporâneas, é uma alternativa viável para o professor trabalhar esse gênero.

Ao explorar os contos de fadas nas salas de aulas, não apenas promovemos o estudo da literatura, mas também nos conectamos com um vasto universo cultural presente em nossa sociedade por gerações. Além disso, por meio desse gênero literário, conseguimos cativar os jovens que frequentemente demonstram grande afinidade com essas narrativas, aproximando-os das aulas de Língua Portuguesa e, por conseguinte, dos estudos literários. Ao contextualizar o aprendizado de acordo com a realidade e os interesses individuais dos alunos, a educação se torna mais envolvente e significativa.

No segundo capítulo, foi realizada uma apresentação geral da autora J.K. Rowling, a fim de contextualizar sua produção literária. Nesse momento, mostrou-se o impacto da escrita de Rowling no cenário da literatura contemporânea, destacando não apenas o fenômeno global que a série Harry Potter se tornou, mas também a habilidade da autora em estender e enriquecer seu universo fictício. Foi explorada também a origem do livro "Os Contos de Beedle, o Bardo" e, mais especificamente, do "Conto dos Três Irmãos", cuja profundidade simbólica ecoa além das páginas, tornando-se um elemento central na compreensão da narrativa das fadas. Além disso, examinou-se a notável expansão do universo mágico de Rowling para além da saga principal, adentrando em *spin-offs* e outras formas de expressão artística, como os filmes, peças de teatro e produtos como brinquedos e *games*, evidenciando como a autora expande

as fronteiras do gênero literário, tornando-se uma influência cultural do mundo contemporâneo de diferentes formas. Esse capítulo serviu como um pontapé inicial para o entendimento das origens e da evolução do universo criado por J.K. Rowling, preparando o terreno para uma análise mais aprofundada nos capítulos subsequentes.

Já no terceiro capítulo, foi realizado um apanhado teórico sobre os contos de fadas, tendo, como vozes teóricas principais Propp (2001), Coelho (1998), Corso e Corso (2006), Bettelheim (2002) e Cosson (2011). A partir da definição do conceito do gênero “Contos de Fadas”, partiu-se para a exposição do conto “A Mesa, o Burro e o Porrete”, dos Irmãos Grimm e do “Conto dos Três Irmãos”, de J.K. Rowling, com o intuito de realizar-se uma análise comparativa entre essas produções. Assim, percebeu-se que, entre as principais características que assemelham tais obras, podemos citar o ressoar do número três, com três objetos mágicos e três irmãos em cada história; o papel do herói, com foco no terceiro e mais novo dos irmãos em ambas as narrativas; o doador de objetos, que no conto de Rowling é a própria Morte e na escrita dos Grimm é cada um dos mestres que foram patrões dos irmãos, e assim, também há a construção da relação de polos opostos (doador e antagonista) que se torna central para o entendimento dos contos.

Por outro lado, é preciso, também, considerar suas diferenças, que recaem, principalmente, sobre o papel desempenhado pela Morte. No “Conto dos Três Irmãos”, ela é aceita pelo terceiro irmão, retirando-se do papel de antagonista que lhe foi atribuído no início da história. Já no conto “A Mesa, o Burro e o Porrete”, ela não é citada, pois o antagonista em questão é o estalajadeiro, que rouba os objetos mágicos dos dois primeiros irmãos, sustentando o papel por toda a narrativa.

Por fim, no quarto capítulo, foi realizada uma proposta didática de cinco aulas da disciplina de Língua Portuguesa, com o objetivo de promover o letramento literário através da comparação entre dois contos de fadas, um clássico e outro contemporâneo. Esse letramento literário visa desenvolver nos estudantes a habilidade crítica de compreender, interpretar e contextualizar narrativas, enriquecendo assim sua bagagem cultural e promovendo o pensamento reflexivo.

Para demonstrar como é viável integrar na disciplina de Língua Portuguesa os contos de fadas e elementos de fantasia, esse projeto didático foi direcionado ao nono

ano do Ensino Fundamental. Buscou-se proporcionar aos alunos uma experiência que combinasse a tradição dos contos de fadas com a criatividade e o encanto da fantasia literária. O letramento literário, fundamental nesse processo, possibilita que os alunos se tornem leitores críticos e culturalmente conscientes. Ao explorar diferentes versões de contos de fadas, os alunos podem adquirir uma apreciação mais profunda das nuances da linguagem e da narrativa, permitindo-lhes interpretar e analisar textos literários com mais destreza.

A atividade de escrita colaborativa integrada à análise e criação de contos de fadas e elementos de fantasia, surge como uma estratégia pedagógica que atrai a participação ativa dos alunos, conferindo-lhes um papel central na construção do letramento literário. Ao engajá-los na exploração de narrativas mágicas, o professor não apenas aprimora as habilidades individuais de escrita, mas também estimula a imaginação e a criatividade de maneira estruturada. Aplicando aos contos de fadas, a atividade proporciona uma oportunidade para que os estudantes possam conhecer mais profundamente o gênero literário e desenvolver competências cognitivas e interpessoais.

De maneira geral, acredita-se que o projeto proposto pode servir como uma fonte de inspiração para professores que ministram aulas de Língua Portuguesa e Literatura. Ele pode ampliar os horizontes dos estudos de contos de fadas e elementos de fantasia para alunos do nono ano do Ensino Fundamental. Mesmo que o professor em questão não tenha uma turma nesse nível, as atividades podem ser adaptadas, fazendo ajustes nas etapas apresentadas ou remodelando o plano de acordo com os interesses de seus alunos. Deve-se reconhecer o potencial do estudo de contos de fadas como uma ferramenta valiosa de ensino e aprendizado, capaz de estimular a imaginação, o letramento literário e o desenvolvimento crítico dos alunos.

Espera-se que esse trabalho possa ajudar professores do Ensino Fundamental a encontrar alternativas no ensino do gênero contos de fadas. De forma alguma o presente trabalho serve como encerramento deste assunto, visto que ele é, por sua natureza, algo a ser (re)visitado sempre que necessário de acordo com novos objetivos acadêmicos e escolares.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 12 out. 2023.

BRITANNICA. **Bardo**. In: Encyclopedia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/bard>. Acesso em: 24 jul. 2023.

BUTLER, Catherine. Modern Children's Fantasy. In: JAMES, Edward.; MENDLESOHN, Farah. (Ed.). **The Cambridge Companion to Fantasy Literature**. New York: Cambridge University Press, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1998.

_____. Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. 4. edição. São Paulo: Ática, 1991.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã: A Psicanálise nas Histórias Infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CORSO, Mário. Podemos nos constituir sem a leitura, mas não sem a ficção. [Entrevista concedida a Rachel Duarte]. Sul 21, 2012. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/2012/08/podemos-nos-constituir-sem-a-leitura-mas-nao-se-m-a-ficcao-diz-mario-corso/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.edição. São Paulo: Contexto, 2011.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca, 1999.

DE MORAIS, Guilherme Augusto L. F; DE PAULA, Danytiele Cristina F. **A Presença dos Grimm em “O Conto dos Três Irmãos”, de J.K Rowling**”. Revell, 26 de Dezembro de 2020. Nº 26, v. 3, 249-275.

ESTUPEFAÇA Potter. **O Conto dos Três Irmãos Harry Potter**. Youtube, 25/03/2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G3pVD7LRuj4>. Acesso em: 02 nov. 2023.

EU acredito que algo mágico possa acontecer quando você lê um bom livro” – J.K. Rowling. CCLi. Disponível em: <https://www.cclinet.com.br/eu-acredito-que-algo-magico-possa-acontecer-quando-voce-l-e-um-bom-livro-j-k-rowling/#:~:text=%E2%80%9CEu%20acredito%20que%20algo%20m%C3%A1gico,um%20bom%20livro%E2%80%9D%20%E2%80%93%20J.K.%20Rowling>. Acesso em: 07 ago. 2023.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **A mesa, o burro e o porrete**. In: ESTÉS, C. P. Contos dos irmãos Grimm. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

INTERCÂMBIO - Um dia de Harry Potter. Imprevistos Musicais, 2014. Disponível em: <https://imprevistosmusicais.com.br/um-dia-de-harry-potter/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA L. C. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2000.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

Nubeedu. **O que são contos? - Gênero textual**. Youtube, 07/10/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=okBRdezew_A . Acesso em: 02 nov. 2023.

OLIVEIRA, Camila F. VENTURA, Mário de Souza. **A Cultura Participativa dos Fãs de Harry Potter: A Leitura Ativa nas Colunas do Fansite Potterish**. IX Simpósio Nacional ABCiber: Cibercultura, Democracia e Liberdade no Brasil. PUC São Paulo, pg. 1-14, Dezembro de 2016.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2001.

Revista Crescer. **Dono da casa de Harry Potter vende material usado na construção do imóvel: “Fazer negócios mágicos”, diz**. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/entretenimento/noticia/2023/06/dono-da-casa-de-harry-potter-vende-material-usado-na-construcao-do-imovel-fazer-negocios-magicos-diz.ghtml> . Acesso em: 25 out. 2023.

ROWLING, JK. **Animais Fantásticos & Onde Habitam**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. **Criaturas Mágicas e Artefatos**. São Paulo: Rocco, 2016.

_____. Entrevista com J.K. Rowling: "Eu encontrei outro dia o contrato de 'Harry Potter'". BBC News. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/cultura/story/2003/06/printable/030620_rowlingro#:~:te

xt=Rowling%20%2D%20Eu%20encontrei%20outro%20dia,%24%201%2C4%20bilh%C3%A3o. Acesso em: 20 ago. 2023.

_____. **Feitiços e Magia**. São Paulo: Rocco, 2017.

_____. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. **Lugares Fascinantes**. São Paulo: Rocco, 2018.

_____. Ilustração de Chris Riddell. **Os Contos de Beedle, o Bardo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

_____. **Personagens Notáveis**. São Paulo: Rocco, 2019.

_____. **Pessoas Extraordinárias e Lugares Fascinantes**. São Paulo: Rocco, 2015.

_____. **Quadribol Através dos Séculos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

TATAR, Maria. **Contos de fadas, edição comentada e ilustrada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

VIJAYAN, Dr. A.V. HAIDER, Mohammed K. **The Existence of Fairytale, Folklore, and Myths in Fantasy: A Study Based on J. K. Rowling's Harry Potter Series**. International Journal of English Language, Literature and Humanities, vol. 4, nº 2, p. 420-428, February, 2016. Available in: www.ijellh.com.

VOLOBUEF, Karin. **Contos dos Grimm: herança do folclore, matéria filológica, criação literária**. In: MOURA, M. CAMBEIRO, D. (org.). *Magia, encantamentos e metamorfoses*. Rio de Janeiro: De Letras, 2013b. p. 15-32.

ANEXOS

A) “A Mesa, o Burro e o Porrete”, dos Irmãos Grimm

A MESA, O BURRO E O PORRETE



E RA UMA VEZ UM ALFAIATE que tinha três filhos e apenas uma cabra. Mas como a cabra sustentava todos com seu leite, ela precisava receber boa alimentação, tendo de ser levada todos os dias a pastar. Então os filhos se revezavam nessa obrigação. Um dia o filho mais velho levou-a ao cemitério da igreja, onde crescia o melhor capim, e deixou-a comer e correr por ali. À noitinha, quando chegou a hora de voltar para casa ele perguntou:

– Cabra, você comeu o suficiente?

A cabra respondeu:

– Comi tanto, tanto, que outra folha não tocarei, mé, mé!

– Anda, vamos para casa então – disse o rapaz e, apanhando a corda amarrada ao pescoço da cabra, levou-a de volta ao curral, amarrando-a ali.

– Muito bem – disse o alfaiate –, a cabra comeu tudo que devia?

– Ah – respondeu o filho –, comeu tanto, tanto, que outra folha não tocará.

Mas o pai quis se certificar, então foi ao curral, acariciou o animal de estimação e perguntou:

– Cabrita, você está satisfeita?

A cabra respondeu:

– Como poderia estar?
Entre os túmulos saltei, mas capim
não encontrei, então passei sem, mé, mé!

– Que está me dizendo? – exclamou o alfaiate, e subiu depressa para falar com o filho.

– Então, seu mentiroso, me disse que a cabra estava satisfeita e a deixou passar fome! – Com raiva apanhou o metro na parede e surrou o filho, expulsando-o de casa.

No dia seguinte foi a vez do segundo filho, que procurou um lugar próximo à cerca do jardim, onde só cresciam ervas gostosas, e a cabra comeu-as todas. À noite, quando quis voltar para casa, perguntou:

– Cabra, você comeu o suficiente?

A cabra respondeu:

– Comi tanto, tanto, que outra folha não tocarei, mé, mé!

– Vamos para casa então – disse o rapaz e levou-a, prendendo-a no curral.

– Muito bem – perguntou o velho alfaiate –, a cabra comeu tudo que devia?

– Ah – respondeu o filho –, comeu tanto, tanto, que outra folha não tocará.

O alfaiate não confiou na informação, foi ao curral e perguntou:

– Cabrita, você está satisfeita?

A cabra respondeu:

– Como poderia estar?
Entre os túmulos saltei, mas capim
não encontrei, então passei sem, mé, mé!

– Seu tratante malvado! – exclamou o alfaiate. – Deixar um animal tão bom passar fome. – Ele subiu em casa ligeiro e expulsou o rapaz com o seu metro.

Chegou então a vez do terceiro filho, que decidido a fazer o melhor possível procurou o mato com as melhores folhas e deixou a cabra pastar ali. À noite, quando quis voltar para casa, perguntou:

– Cabra, você comeu o suficiente?

A cabra respondeu:

– Comi tanto, tanto, que outra folha não tocarei, mé, mé!

– Vamos para casa então – disse o rapaz e levou-a para o curral, amarrando-a ali.

– Muito bem – perguntou o alfaiate –, desta vez a cabra realmente comeu o suficiente?

– Comeu tanto, tanto, que outra folha não tocará.

O alfaiate não confiou, foi ao curral e perguntou:

– Cabrita, você está satisfeita?

A cabra respondeu:

– Como poderia estar?
Entre os túmulos saltei, mas capim
não encontrei, então passei sem, mé, mé!

– Que bando de mentirosos! – exclamou o alfaiate. – Cada um tão malvado e desatento quanto o outro! Eles não me farão mais de bobo. – E enlouquecido de raiva correu e bateu tanto no pobre rapaz com o metro que ele saiu correndo de casa e foi embora.

O velho alfaiate ficou então sozinho com a cabra. Na manhã seguinte desceu ao curral, acariciou a cabra e disse:

– Vamos, minha cabrinha querida, levarei você para pastar pessoalmente. Ele a tomou pela corda e a levou para onde havia cercas viçosas, trevos e tudo o mais que as cabras gostam de comer.



– Aí você vai poder, ao menos uma vez, comer até se fartar – disse o homem e deixou-a pastar até a noite. Perguntou-lhe então:

– Cabra, você está satisfeita?

A cabra respondeu:

– Comi tanto, tanto, que outra folha não tocarei, mé, mé!

– Vamos para casa então – disse o alfaiate e levou-a para o curral, deixando-a bem amarrada. Quando ia saindo, virou-se e perguntou:

– Muito bem, uma vez na vida você está satisfeita? – Mas a cabra não se comportou melhor com ele e respondeu:

– Como poderia estar?

Entre os túmulos saltei, mas capim

não encontrei, então passei sem, mé, mé!

Quando o alfaiate ouviu isso, ficou chocado e percebeu claramente que expulsara os três filhos de casa sem a menor razão.

– Espere aí, criatura ingrata – disse ele. – Não será suficiente mandá-la embora; vou marcá-la de tal jeito que nunca mais se atreverá a aparecer entre alfaiates honestos. – Ele foi em casa depressa, apanhou a navalha, ensabou a cabeça da cabra e raspou-a, deixando-a lisa como a palma de sua mão. E como o metro teria sido pouco para ela, foi buscar o chicote para cavalos e lhe deu uma surra tal que a cabra fugiu o mais depressa que pôde.

Quando o alfaiate se viu completamente só em casa, mergulhou em profunda tristeza, e teria se alegrado em receber os filhos de volta, mas ninguém sabia aonde tinham ido.

Ora, o mais velho fora ser aprendiz de marcenaria, ofício que aprendeu diligentemente, e quando chegou a hora de correr mundo, seu mestre o presenteou com uma mesinha que à vista era feita de madeira comum e não tinha nada especial, mas tinha uma qualidade: se alguém a pusesse em qualquer lugar e dissesse: “Põe-te, mesinha”, a boa mesa imediatamente se cobria com uma toalha limpa em que havia prato e talheres dos lados e travessas com carne cozida e assada, tantas quanto houvesse espaço para contê-las, e um copo de vinho cheio até a borda brilhava tanto que animava o coração. O jovem viajante pensou: “Com esta mesa terei o suficiente para a vida inteira”, e saiu vagando feliz pelo mundo sem nunca se preocupar se uma estalagem era boa ou má, ou se havia ou não o que comer. Quando lhe convinha ele não entrava em uma estalagem, mas ficava no campo aberto,

na mata, em um prado ou onde lhe agradasse, tirava a mesinha das costas, colocava-a à sua frente e dizia: "Cobre-te", e aparecia tudo que seu coração desejasse. Passado muito tempo ele meteu na cabeça que queria rever o pai, cuja raiva a esta altura teria se aplacado e que receberia de boa vontade o filho e sua mesinha.

Aconteceu que a caminho de casa ele chegou certa noite a uma estalagem apinhada de hóspedes. Eles lhe deram as boas-vindas e o convidaram a se sentar e comer em sua companhia, pois de outro modo ele teria dificuldade em obter alguma coisa.

- Não, muito obrigado - respondeu o marceneiro. - Eu não os privaria de um bocado; em vez disso, vocês me darão a honra de ser meus convidados.

Eles riram e acharam que o rapaz estava brincando; mas ele colocou a mesa no meio da sala e disse: "Põe-te, mesinha." Instantaneamente a mesinha se cobriu de petiscos, muito superiores aos que o estalajadeiro poderia ter oferecido, e só o cheiro teria sido tentador demais para alguém resistir.

- Sirvam-se, caros amigos - disse o marceneiro; e os hóspedes quando viram que ele falava sério não precisaram de um segundo convite, puxaram suas cadeiras para perto, apanharam suas facas e atacaram a comida com gosto. E o que mais os surpreendeu foi que quando uma travessa se esvaziava era imediatamente substituída por outra sem ninguém pedir. O estalajadeiro ficou a um canto observando; não sabia o que dizer, mas pensou: "Não seria nada difícil encontrar um bom uso para um cozinheiro desses na minha cozinha." O marceneiro e seus companheiros se divertiram até altas horas da noite. Por fim todos se deitaram para dormir, e o rapaz encostou a mesa mágica na parede antes de se recolher. Os pensamentos do estalajadeiro, porém, não lhe deram descanso; lembrou-se que havia em sua oficina uma mesinha velha bem parecida com a do aprendiz, e foi buscá-la sem fazer barulho e trocou-a pela mesinha mágica. Na manhã seguinte, o marceneiro pagou a hospedagem, apanhou sua mesa e sem jamais pensar que poderia ser falsa seguiu seu caminho. Ao meio-dia chegou à casa do pai, que o recebeu com grande alegria.

- Muito bem, meu querido filho, que foi que você aprendeu? - perguntou o pai.

- Pai, eu me tornei marceneiro.

- Um bom ofício - disse o velho -, mas o que trouxe consigo do seu aprendizado?

- Pai, a melhor coisa que trouxe comigo foi esta mesinha.

O alfaiate examinou-a de todos os lados e comentou:

– Você não fez nenhuma obra-prima, é uma mesa velha.
 – Mas é uma mesa que se põe sozinha – respondeu o filho. – Quando eu a coloco no chão e mando que se ponha, ela se cobre de pratos finos e de vinho também, alegrando o coração. Convide todos os nossos parentes e amigos; eles beberão e se regalarão, porque a mesa servirá tudo que puderem desejar.

Quando os convidados estavam reunidos, ele levou a mesa para o centro da sala e disse: “Põe-te, mesinha”, mas a mesinha não se moveu e continuou tão vazia quanto qualquer mesa que não entendesse quando lhe falavam. Então o pobre aprendiz percebeu que a mesa fora trocada e se sentiu envergonhado de estar ali fazendo papel de mentiroso. Os parentes caçoaram dele e se viram obrigados a voltar para casa sem ter comido nem bebido. O pai retomou seus panos e continuou a trabalhar como alfaiate, mas o filho partiu em busca de um novo mestre.

O segundo filho procurara um moleiro e se tornara seu aprendiz. Quando os anos de aprendizado terminaram, o mestre lhe disse:

– Como você se comportou tão bem, vou lhe dar este burro muito especial, que não puxa carroça nem carrega peso.

– Para que serve, então? – perguntou o jovem aprendiz.

– Ele deixa cair ouro da boca – respondeu o moleiro. – Leve-o para cima de um pano e diga: “Briquetebrite”, e o bom animal deixará cair moedas de ouro para você.

– Que coisa boa! – disse o aprendiz, agradeceu ao mestre e saiu pelo mundo. Quando precisava de dinheiro, bastava apenas dizer “Briquetebrite” ao seu burro, que fazia chover moedas de ouro, e ele só precisava recolhê-las no chão. Aonde quer que fosse, o melhor que houvesse era bom o suficiente para ele, e quanto mais caro melhor, porque sempre tinha a bolsa cheia. Depois de viajar pelo mundo por algum tempo, pensou com seus botões: “Preciso procurar meu pai; quando chegar com o burro de ouro ele esquecerá a raiva e me receberá bem.”

Aconteceu que ele foi parar na mesma estalagem onde seu irmão tivera a mesa trocada. Ele ia conduzindo o burro pela rédea, e o estalajadeiro quis tomar o animal de sua mão para amarrá-lo, mas o jovem aprendiz lhe disse:

– Não se preocupe, levarei também o meu cavalo cinzento ao curral e o amarrarei, pois preciso saber exatamente onde está. – O estalajadeiro estranhou a resposta e pensou que um homem que era obrigado a cuidar pessoalmente do seu burro não devia ter muito dinheiro para gastar; mas o forasteiro levou a mão ao bolso, tirou duas moedas de ouro e pediu que ele providen-

ciasse uma comida gostosa, o homem arregalou os olhos e correu a providenciar o melhor que pôde. Depois do jantar o hóspede perguntou quanto lhe devia. O estalajadeiro não viu por que não dobrar a conta e disse ao aprendiz que deveria lhe pagar mais duas moedas de ouro. O rapaz apalpou o bolso, mas o ouro que levava acabara.

– Espere um instante, senhor estalajadeiro, buscarei mais dinheiro. – E levou com ele a toalha da mesa. O homem não conseguiu imaginar o que poderia significar aquilo, mas, sendo curioso, acompanhou-o às escondidas, e ao ver o hóspede trancar a porta do curral espreitou por um buraco feito em um nó da madeira. O forasteiro abriu a toalha embaixo do animal e exclamou: “Briquetebrite”, e imediatamente o burro começou a cuspir moedas de ouro, que praticamente choviam no chão.

“Eh, quem diria”, pensou o estalajadeiro, “os ducados são cunhados bem depressa! Um tesouro desses vem bem a calhar.” O hóspede pagou sua conta e se recolheu, mas durante a noite o estalajadeiro foi escondido ao curral e levou o mestre moedeiro, amarrando outro burro em seu lugar.

Na manhã seguinte o aprendiz partiu com o burro, pensando todo o tempo que levava o seu burro de ouro. Ao meio-dia chegou à casa do pai, que se alegrou em revê-lo, acolheu o filho de bom grado.

– Que ofício abraçou, meu filho? – perguntou o velho.

– O de moleiro, querido pai.

– Que trouxe consigo de suas viagens?

– Nada, exceto um burro.

– Há burros suficientes aqui – respondeu o pai –; eu teria preferido uma boa cabra.

– É – respondeu o filho –, mas o meu não é um burro comum, é um burro de ouro. Quando digo “Briquetebrite”, o bom animal abre a boca e deixa cair moedas de ouro que dão para encher um lençol. Convide os nossos parentes para virem aqui e vou transformá-los em pessoas ricas.

– Isso me convém – disse o alfaiate –, pois assim não terei necessidade de continuar a me atormentar com costuras. – E correu pessoalmente a chamar os parentes.

Logo que estavam reunidos, o moleiro pediu que se afastassem, abriu a toalha no chão e trouxe seu burro até a sala.

– Agora vejam – disse ele e exclamou: – Briquetebrite. – Mas não caiu nenhuma moeda de ouro, e ficou evidente que o animal não conhecia essa arte, porque não é todo burro que alcança tal perfeição. Então o pobre moleiro ficou muito triste ao perceber que fora traído, pediu desculpas aos

parentes, que voltaram para casa tão pobres quanto haviam chegado. Não houve jeito, o velho teve de recorrer mais uma vez à sua costura, e o rapaz se empregou com um moleiro.

O terceiro irmão entrara para aprendiz de um torneiro, e como esse é um ofício especializado, foi ele quem demorou mais no aprendizado. Seus irmãos, porém, contaram-lhe por carta as coisas ruins que aconteceram e como o estalajadeiro havia roubado seus presentes mágicos na última noite do seu regresso a casa. Quando o irmão terminou o aprendizado e precisou ganhar mundo, como se comportara tão bem, o mestre lhe deu de presente uma mochila e disse:

– Tem aí dentro um porrete.

– Posso usar a mochila – comentou o rapaz –, e ela poderá ser muito útil, mas para que um porrete dentro? Isso só tornará a mochila mais pesada.

– Vou lhe explicar o porquê – respondeu o mestre –, se alguém fizer alguma coisa para prejudicá-lo, basta dizer: “Fora do saco, porrete!”, e o porrete avançará para as pessoas e executará tal dança nas costas delas que as deixará incapazes de se mexerem por uma semana, não descansando enquanto você não disser: “Dentro do saco, porrete!”

O aprendiz agradeceu, pôs a mochila às costas e, se alguém se aproximava ameaçando atacá-lo, dizia: “Fora do saco, porrete!”, e instantaneamente o porrete saltava da mochila e dava tal escovada na roupa do malfeitor que ele logo desejava jamais ter tentado se meter com o rapaz. À noite o jovem torneiro chegou à estalagem em que seus irmãos tinham sido roubados. Descansou a mochila na mesa à sua frente e começou a contar todas as maravilhas que vira pelo mundo.

– Verdade – disse ele –, ainda se pode encontrar uma mesa que se cobrirá de comida, um burro de ouro e coisas desse tipo, coisas ótimas que eu não desprezo de modo algum, mas nada se compara ao tesouro que ganhei e carrego comigo nessa mochila.

O estalajadeiro apurou os ouvidos. “Que poderá ser?”, pensou. “A mochila deve estar cheia de joias; e devo consegui-las barato, porque tudo que é bom vem em três.” Quando chegou a hora de dormir, o hóspede se deitou em um banco e usou a mochila como travesseiro. Quando o estalajadeiro achou que o hóspede estava profundamente adormecido, aproximou-se, puxou e empurrou a mochila com toda a suavidade e cuidado, para ver se poderia tirá-la e deixar outra em seu lugar. O torneiro, porém, estivera esperando por isso há algum tempo, e no momento em que o estalajadeiro ia dar um puxão mais forte ele exclamou: “Fora do saco, porrete!”

No mesmo instante o porrete avançou e caiu em cima do homem dando-lhe uma boa surra.

O estalajadeiro pediu misericórdia; mas quanto mais gritava, tanto mais o porrete batucava em suas costas, até que por fim caiu no chão, exausto. Disse então o torneiro:

– Se você não devolver a mesa que se cobre de comida e o burro de ouro também, a dança vai recommençar.

– Ah, não – exclamou o estalajadeiro apavorado. – Terei prazer em apagar tudo, mas faça esse terrível duende voltar para dentro da mochila. O aprendiz replicou:

– Terei misericórdia, em vez de lhe dar o que merece, mas cuidado para não tornar a se meter em confusão! – Ele gritou: – Dentro do saco, porrete! – E deixou o homem descansar.

Na manhã seguinte o torneiro voltou para a casa do pai levando a mesa e o burro. O alfaiate se alegrou ao revê-lo e lhe perguntou também o que aprendera em terras estranhas.

– Querido pai, aprendi o ofício de torneiro.

– Um ofício especializado. E que trouxe de suas viagens?

– Um objeto precioso, querido pai, um porrete em uma mochila.

– Quê? – exclamou o pai. – Um porrete! Valeu realmente a pena o esforço! De qualquer árvore você mesmo pode cortar um porrete.

– Mas não um igual a este, querido pai. Vou lhe contar. Se digo: “Fora do saco, porrete!”, ele salta fora, executa tal dança no lombo de quem quer me prejudicar e não para até que a pessoa esteja prostrada no chão, pedindo que as coisas melhorem. Veja só, com este porrete recuperei a mesinha mágica e o burro de ouro que o estalajadeiro ladrão roubou dos meus irmãos. Agora mande buscar os dois e convide todos os nossos parentes. Darei a todos o melhor de comer e beber, e ainda encheri seus bolsos de ouro.

O velho alfaiate não queria acreditar, mas reuniu outra vez os parentes. Então o torneiro abriu uma toalha no chão da sala, trouxe o burro e disse ao irmão:

– Agora, querido irmão, fale com ele.

O moleiro disse: “Briquetebrite”, e imediatamente as moedas de ouro caíram no chão como um temporal, e o burro não parou até todos terem recolhido tantas moedas que não conseguiriam mais carregá-las. (Estou vendo em seu rosto que você também gostaria de ter estado presente.)

Então o torneiro trouxe a mesinha e disse:

– Agora, querido irmão, fale com ela.

E, assim que o marceneiro ordenou “Põe-te, mesinha”, ela se abriu e se cobriu de pratos apetitosos.

Depois realizou-se um banquete como o bom alfaiate ainda não vira em sua casa, seus parentes se demoraram até muito tarde da noite e juntos se divertiram muito alegremente. O alfaiate guardou no armário a agulha, a linha, o metro e o ferro de passar, e viveu com seus filhos com fartura e felicidade.

Mas o que aconteceu com a cabra que fez o alfaiate expulsar os três filhos de casa? Vou contar. Ela ficou envergonhada por estar careca e correu a se esconder em uma toca de raposa. Quando a raposa voltou para casa, deparou com dois olhos enormes que brilhavam no escuro, ficou apavorada e fugiu.

Um urso a encontrou e, como a raposa lhe parecesse perturbada, perguntou:

– Que aconteceu com você, irmã raposa? Por que está com essa cara?

– Ah – respondeu a raposa vermelha –, tem um bicho feroz na minha toca que me encarou com olhos esbraseados.

– Logo o expulsaremos – disse o urso, e acompanhou a raposa à toca e espiou lá dentro, mas quando viu os olhos esbraseados foi também assaltado pelo medo; não quis conversa com a fera apavorante e bateu em retirada.

Uma abelha o encontrou e, vendo-o perturbado, perguntou:

– Urso, você está realmente com uma cara de dar pena; que aconteceu com toda a sua alegria?

– É fácil para você falar – respondeu o urso –, um bicho furioso de olhos arregalados está na toca da raposa e não conseguimos tirá-lo de lá.

A abelha disse:

– Urso, tenho pena de você. Sou um bichinho fraco e insignificante que você não se daria ao trabalho de olhar, mas acho que posso ajudá-los. – Ela entrou na toca da raposa, pousou na cabeça raspada da cabra e deu-lhe uma ferroadada tão forte que o bicho saltou berrando “Mé, mé”, saindo desabalada pelo mundo afora, parecendo uma louca; e até hoje ninguém sabe onde ela foi parar.

ANEXO

B) O Conto dos Três Irmãos, de J.K Rowling

Era uma vez três irmãos que estavam viajando por uma estrada deserta e tortuosa ao anoitecer... Depois de algum tempo, os irmãos chegaram a um rio fundo demais para vadear e perigoso demais para atravessar a nado. Os irmãos, porém, eram versados em magia, então simplesmente agitaram as mãos e fizeram aparecer uma ponte sobre as águas traiçoeiras. Já estavam na metade da travessia quando viram o caminho bloqueado por um vulto encapuzado.

E a Morte falou. Estava zangada por terem lhe roubado três vítimas, porque o normal era os viajantes se afogarem no rio. Mas a Morte foi astuta. Fingiu cumprimentar os três irmãos por sua magia, e disse que cada um ganhara um prêmio por ter sido inteligente o bastante para lhe escapar.

Então, o irmão mais velho, que era um homem combativo, pediu a varinha mais poderosa que existisse: uma varinha que sempre vencesse os duelos para seu dono, uma varinha digna de um bruxo que derrotara a Morte! Ela atravessou a ponte e se dirigiu a um vetusto sabugueiro na margem do rio, fabricou uma varinha de um galho da árvore e entregou-a ao irmão mais velho.

Então, o segundo irmão, que era um homem arrogante, resolveu humilhar ainda mais a Morte e pediu o poder de restituir a vida aos que ela levava. Então a Morte apanhou uma pedra da margem do rio e entregou-a ao segundo irmão, dizendo-lhe que a pedra tinha o poder de ressuscitar os mortos.

Então, a Morte perguntou ao terceiro e mais moço dos irmãos o que queria. O mais moço era o mais humilde e também o mais sábio dos irmãos, e não confiou na Morte. Pediu, então, algo que lhe permitisse sair daquele lugar sem ser seguido por ela. E a Morte, de má vontade, lhe entregou a própria Capa da Invisibilidade.

Então, a Morte se afastou para um lado e deixou os três irmãos continuarem viagem e foi o que eles fizeram, comentando, assombrados, a aventura que tinham vivido e admirando os presentes da Morte.

No devido tempo, os irmãos se separaram, cada um tomou um destino diferente.

O primeiro irmão viajou uma semana ou mais e, ao chegar a uma aldeia distante, procurou um colega bruxo com quem tivera uma briga. Armado com a varinha de sabugueiro, a Varinha das Varinhas, ele não poderia deixar de vencer o duelo que se seguiu. Deixando o inimigo morto no chão, o irmão mais velho dirigiu-se a uma estalagem, onde se gabou, em altas vozes, da poderosa varinha que arrebatara da própria Morte, e de que a arma o tornava invencível.

Na mesma noite, outro bruxo aproximou-se sorrateiramente do irmão mais velho enquanto dormia em sua cama, embriagado pelo vinho. O ladrão levou a varinha e, para se garantir, cortou a garganta do irmão mais velho.

Assim, a Morte levou o primeiro irmão.

Entrementes, o segundo irmão viajou para a própria casa, onde vivia sozinho. Ali, tomou a pedra que tinha o poder de ressuscitar os mortos e virou-a três vezes na mão. Para sua surpresa e alegria, a figura de uma moça que tivera esperança de desposar antes de sua morte precoce surgiu instantaneamente diante dele. Contudo, ela estava triste e fria, como que separada dele por um véu. Embora tivesse retornado ao mundo dos mortais, seu lugar não era ali, e ela sofria. Diante disso, o segundo irmão, enlouquecido pelo desesperado desejo, matou-se para poder verdadeiramente se unir a ela.

Assim, a Morte levou o segundo irmão.

Embora a Morte procurasse o terceiro irmão durante muitos anos, jamais conseguiu encontrá-lo. Somente quando atingiu uma idade avançada foi que o irmão mais moço despiu a Capa da Invisibilidade e deu-a de presente ao filho. Acolheu, então, a Morte como uma velha amiga e acompanhou-a de bom grado, e, iguais, partiram desta vida.